

Vidas (in)visíveis em Santo Ângelo

TESTEMUNHOS DE MORADORES DOS
BAIRROS HARMONIA E UNIÃO

ANDREA FRICKE DUARTE
(ORGANIZADORA)



ANDREA FRICKE DUARTE
(ORGANIZADORA)

Vidas (in)visíveis em Santo Ângelo

TESTEMUNHOS DE MORADORES DOS
BAIRROS HARMONIA E UNIÃO

Editora Ilustração
Santo Ângelo – Brasil
2025



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0>

Editor-Chefe: Fábio César Junges

Revisão: Os autores

CATALOGAÇÃO NA FONTE

V649 Vidas (in)visíveis em Santo Ângelo : testemunhos de moradores dos Bairros Harmonia e União / organizadora: Andrea Fricke Duarte. - Santo Ângelo : Ilustração, 2025.
116 p. : il. ; 21 cm

ISBN 978-65-6135-101-0

DOI 10.46550/978-65-6135-101-0

1. Bairro Harmonia - Santo Ângelo. 2. Bairro União - Santo Ângelo. 3. Relatos. I. Duarte, Andrea Fricke (org.).

CDU: 94(816.5)

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz - CRB 10/ 1720



Crossref



E-mail: eilustracao@gmail.com

www.editorailustracao.com.br

Conselho Editorial



Dra. Adriana Maria Andreis	UFFS, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Adriana Mattar Maamari	UFSCAR, São Carlos, SP, Brasil
Dra. Berenice Beatriz Rossner Wbatuba	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Clemente Herrero Fabregat	UAM, Madri, Espanha
Dr. Daniel Vindas Sánchez	UNA, San Jose, Costa Rica
Dra. Denise Tatiane Girardon dos Santos	FEMA, Santa Rosa, RS, Brasil
Dr. Domingos Benedetti Rodrigues	SETREM, Três de Maio, RS, Brasil
Dr. Edegar Rotta	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Dr. Edivaldo José Bortoleto	UNOCHAPECÓ, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Elizabeth Fontoura Dorneles	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Evaldo Becker	UFS, São Cristóvão, SE, Brasil
Dr. Glaucio Bezerra Brandão	UFRN, Natal, RN, Brasil
Dr. Gonzalo Salerno	UNCA, Catamarca, Argentina
Dr. Héctor V. Castanheda Midence	USAC, Guatemala
Dr. José Pedro Boufleuer	UNIJUÍ, Ijuí, RS, Brasil
Dra. Keiciane C. Drehmer-Marques	UFMS, Santa Maria, RS, Brasil
Dr. Luiz Augusto Passos	UFMT, Cuiabá, MT, Brasil
Dra. Maria Cristina Leandro Ferreira	UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil
Dra. Neusa Maria John Scheid	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dra. Odete Maria de Oliveira	UNOCHAPECÓ, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Rosângela Angelin	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Roque Ismael da Costa Güllich	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Dr. Salete Oro Boff	IMED, Passo Fundo, RS, Brasil
Dr. Tiago Anderson Brutti	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Vantoir Roberto Brancher	IFFAR, Santa Maria, RS, Brasil

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.

“Também esse é um modo – quem sabe, talvez o
único modo possível – de escutar o não dito.”

Jean-Marie Gagnebin - Advertência

Sumário

Prefácio: No front em câmera lenta	13
<i>Edson Luiz André de Sousa</i>	
Abertura	17
<i>Andrea Fricke Duarte</i>	
Os bairros periféricos: Harmonia & União	23
O bairro União.....	25
<i>Luana Retzlaff Willig</i>	
Vidas reais dos bairros periféricos	29
A Tia da Pastoral	31
<i>Roberto Salbego Donicht</i>	
Amor aleijado.....	35
<i>Roberto Salbego Donicht</i>	
A mulher do sabão	37
<i>Roberto Salbego Donicht</i>	
Daniel, o músico de fé.....	41
<i>Luana Retzlaff Willig</i>	
“E o pai que nunca vem?”.....	47
<i>Roberto Salbego Donicht</i>	
Tatiane e as super (ações)	53
<i>Luana Retzlaff Willig</i>	

Destruição familiar	59
<i>Roberto Salbego Donicht</i>	
Passa pro papai	63
<i>Roberto Salbego Donicht</i>	
Aquele sem nome	71
<i>Ridlav Schineider</i>	
Violência endereçada	77
<i>Kyrlia Dornelles Mendonça</i>	
Quem é o real herói para a comunidade?	79
<i>Kyrlia Dornelles Mendonça</i>	
Da lavoura à cidade	85
<i>Isadora Ferrazza Dal-Ross</i>	
Escrevendo sobre a história do outro	89
<i>Luana Retzlaff Willig</i>	
Escrita sobre a pesquisa	91
<i>Gabriel Aguiar Castanho</i>	
O que resta das marcas após o testemunho?	95
<i>Andrea Fricke Duarte</i>	
<i>Lara Renata Pereira Lopes</i>	
<i>Isadora Ferrazza Dal-Ross</i>	
Chegar a um fim	111
Posfácio	115

Prefácio

No front em câmera lenta

Edson Luiz André de Sousa¹

“ ... os profetas conhecem o amanhã
não conhecem o ontem...”

Jersy Ficowski - A leitura das cinzas

Elas estão no front, eles estão no front. Respiram com dificuldade dentro da fumaça espessa dos incêndios que ainda queimam em torno de suas vidas difíceis. Buscam, intuitivamente, estratégias de sobrevivência que possam garantir algum alento nos cenários precários onde vivem. Resistem com aquilo que ainda seguram com determinação entre os dentes: as palavras, algumas que possam dar um nome à força que precisam para respirar dentro destes escombros. Elas respiram. Eles respiram. Uma respiração ruidosa, inquieta, turbulenta. A vida ali acontece em câmera lenta, como se precisassem deste tempo de pausa para recuar alguns passos diante do abismo que está sempre ali, à beira de suas vidas. As estatísticas não registram a energia de vida que precisam para atravessar *as obscuridades do instante* como evoca Ernst Bloch em seu Princípio Esperança. Os números se concentram nas mortes, nos abusos, nas violências, nos suicídios... Sim, esta é a realidade que contamina o front que habitam. No entanto, basta avançar um pouco mais, alguns passos a mais neste nevoeiro, e encontraremos as pulsações de vida, solidariedade, criatividade e

1 Psicanalista. Analista membro da APPOA. Foi professor titular do Instituto de Psicologia da UFRGS. Doutorado e pós-doutorado pela Universidade de Paris VII. Pós-Doutorado pela EHESS (Paris). Autor entre outros de “Furos no Futuro: psicanálise e Utopia” (Artes & Ecos, 2022) e “Imaginar o Amanhã” em co-autoria com Abrão Slavutzky (Diadorim, 2021), “Freud: Ciência, Arte e Política” em co-autoria com Paulo Endo(L&PM, 2009)

o desejo de virar ao avesso estas histórias. Por isso falam, precisam falar, mas para quem? Quem está disposto a acolher estas travessias de vida, dar corpo a estas dores e as esperanças que surgem por entre tantas cinzas?

Este livro ausculta muitas pulsações de vida, em câmera lenta, no tempo dos acontecimentos, nas tardes sentados na sombra de uma árvore, nos sofás azuis entre gatos recém nascidos animando a conversa. A função do testemunho dando espessura a tantas vidas que buscam, com a palavra, registrar as correntezas que vem do passado. Só assim, com a anatomia deste ontem, podemos acionar espaços inéditos de revolta e de luta. Horas de escuta, de escrita e o cuidado para que os registros retornassem àqueles que falaram. Este livro é escrito por muitas vozes, na aposta que, em coro, poderemos quem sabe sonhar com outros futuros. Trata-se aqui de acionar uma esperança sem otimismo para evocar o título do livro de Terry Eagleton. Imagino que a leitura destes testemunhos possam gerar a indignação e a solidariedade necessária para os movimentos que acionam as utopias da revolta. Como Eagleton escreve “O descontentamento pode ser um estímulo para a reforma. Por outro lado, é provável que os otimistas apresentem soluções absolutamente cosméticas. A verdadeira esperança é mais necessária quando a situação é mais gritante”.²

Vozes engasgadas, que moram dentro destas palavras que acolhem imagens sublimes: *harmonia* e *união*; contudo, a corrente sanguínea que anima estes nomes é como lava de vulcão, pois está sempre prestes a invadir os espaços de vida com a violência que sempre retorna no mesmo lugar. São muitos os relatos difíceis que podemos ler aqui e, por sorte, um grupo de alunas e alunos pesquisadores coordenados pela psicanalista e professora Andrea Duarte entraram em cena neste front onde a vida resiste, onde a vida precisa de espessura para seguir em frente. Lembro especialmente do filme Estamira e as muitas horas que Marcos Prado conviveu

2 EAGLETON, Terry. Esperança sem otimismo, Editora da Unesp, São Paulo 2023, p.

com esta filósofa catadora dos “além dos além” e assim pode salvar dos escombros o fio de uma vida difícil, mas iluminada pelas estratégias inéditas que encontrou para sobreviver.

Cada texto que lemos neste livro funciona como uma janela aberta para que possamos depositar o olhar nestas realidades inquietas e assim aprender sobre o sentido mais genuíno da sobrevivência diante de tantas adversidades. Cada narrativa desdobra uma eletricidade viva que tenta fazer um curto circuito na maquinaria social que tenta devora-los. São forças vivas, que crescem como minúsculas flores do campo por baixo da terra árida em que vivem. Resistem no *Front* e parecem levar no coração algumas palavras do poeta Edimilson de Almeida Pereira. “Eu me recuso a ser a linha que apenas segue o buraco da agulha. Existimos para outra órbita, na direção de outra estrela. *Não* é uma palavra grave. É um verbo fora da gramática, mas decisivo para se dizer sim à vida: não cair, não obedecer: as palavras novas têm esse prefixo que nos permite não morrer...”³

As camadas de leitura são múltiplas, já que experiências de testemunhos como estas também falam pelos seus silêncios, pelas palavras que não puderam ser ditas e por todas as outras que não puderam ser escutadas e nem transcritas. É assim mesmo, quando temos diante de nós vidas que precisam encontrar saídas por entre tantos obstáculos. Os desenhos de Ridlav que acompanham o livro capturam alguns destes momentos em imagens, a vila com suas cicatrizes na pele dos casebres em silêncio na imagem inicial do livro. Uma partitura em perspectiva anotando, quem sabe, o rumor dos sonhos, em um amanhecer em que ainda não vemos ninguém nas ruas. Vivem ainda no tempo onírico, cavando imagens para enfrentar mais um dia que chega sempre no mesmo lugar: desafiador, escasso, brutal e exigindo sempre a determinação de algum desvio que traga conforto. Por isso, são cenários ao mesmo tempo de privação e abundância, se pensarmos que a resistência é o fio que enlaça estas vidas. Em outro desenho, uma criança na quina

3 PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Front*, Editora Nós, São Paulo, 2020, p. 19

de uma casa parecendo hesitar se entra ou não em cena. É como se ela repetisse em pensamento um verso de Marília Garcia “... nesse momento de superfícies abertas, como lidar com a impossibilidade de sair do lugar?”⁴

Este livro tenta recolher os pequenos movimentos que acontecem ali, longe dos olhos de muitos de nós, apostando que o registro destas vidas abra caminho para que possamos ampliar as estratégias de luta neste *Front* tão desafiador e desigual.

4 GARCIA, Marília. *Câmara Lenta*, Companhia das Letras, São Paulo, 2017.

Abertura

Andrea Fricke Duarte

Este livro aconteceu depois de eu ouvir uma história muito triste e muito solitária, de uma mulher que esteve presa injustamente no lugar do filho adolescente. E depois disso, passou a olhar o mundo com uma desconfiança ainda maior, de que, a qualquer momento, por qualquer motivo, e sem recursos, ela poderia ter a casa invadida por policiais, ser brutalmente abordada, e perder a liberdade, e com isso, também o trabalho e a dignidade de poder continuar vivendo do seu trabalho. A partir do seu relato propus uma pesquisa “Experiência e linguagem como estratégias de resistência: as narrativas dos moradores de comunidades em situação de vulnerabilidade na cidade de Santo Ângelo”, para coletar testemunhos do bairro e encerrada em 2020. A ideia era publicar um livro com as histórias dos moradores, de dois bairros ‘perigosos’ ‘tomados pela violência e pelo tráfico’. As histórias foram coletadas, mas o livro não foi publicado por uma decisão que surgiu lendo o livro “O olho da rua” de Eliane Brum, motivo que explicaremos logo a seguir.

Dentro da tradição das obras testemunhais encontramos duas perspectivas: àquelas nas quais a própria testemunha é autora de seu relato, como Primo Levi em “É isto um homem”, originalmente publicado em 1958 narrando sua condição de sobrevivente de um campo de concentração nazista, ou quando estes não podem falar, seja por sua condição de oprimidos, como os desempregados das estatísticas dos anos 2000, sejam as mães dos meninos assassinados pelo tráfico nas favelas do Rio de Janeiro (BRUM, 2017). No segundo caso, alguém tem interesse em ouvir suas histórias, e depois se coloca na tarefa política de contá-las e mais, publicizá-las, seja no âmbito da imprensa ou na publicação de um livro, para que o mundo olhe para essas vidas e quem sabe, alguém possa encontrar alguma saída. Nesse segundo caso, é a repórter que escutou e

registrou testemunhos, mas é ela que testemunha por eles para o grande público, ao se pôr a tarefa de narrar por eles o texto que será publicado. Em seu livro “O olho da rua” se encontram reunidas dez reportagens, originalmente publicadas pela revista Época, e datam do período de 2000 e 2008. No livro encontramos as reportagens originais e em seguida, reflexões da jornalista comentando os bastidores da sua escrita e detalhes importantes do ofício que ela nomeou para si como “escutadeira”. Numa dessas experiências, a repórter faz um pedido de desculpas sobre aquela que ela considera a sua melhor e ao mesmo tempo, pior reportagem: *“A casa de velhos’ é uma das minhas reportagens preferidas – e é a que mais me dói. Ainda hoje ela dói muito. Porque errei feio.”* (BRUM, 2017, p.107). Ao narrar o que se passa com homens e mulheres que tem sua vida e sua dignidade roubadas ao passarem da porta de entrada do asilo com – “a vida inteira espremida numa mala de mão” ela descobre, ao telefonar para o asilo que “muitos estavam constrangidos” após a reportagem ter sido publicada:

As pessoas sabem que vai ser publicado, mas não sabem o que isso significa. [...] Não estou me referindo as revelações que colocam existências em risco, nesses casos são óbvios, ninguém tem dúvida do que é certo ou não fazer. Estou falando de informações mais prosaicas, mas que podem tornar a pessoa triste, constrange-la diante da família ou dos vizinhos. Eu já perdi, algumas vezes, as melhores aspas de uma matéria em nome do cuidado fundamental com o outro. Mas resvalei nessa reportagem. (BRUM, 2017, p. 111-112).

Mesmo que os entrevistados estivessem cientes das gravações e do destino de suas histórias: as páginas de uma revista de circulação nacional, o efeito de lerem suas vidas retratadas para o grande público produziu constrangimento. *“Eles sabiam exatamente que eu era jornalista, que suas entrevistas e fotos seriam publicadas na Época. Mas saber às vezes é não saber. E eu deveria ter me lembrado disso.”* (p.112). A minha pesquisa anterior entrevistou, registrou histórias de vida, e havia o desejo de contar ao mundo como vivem, do que sofrem os moradores dos bairros periféricos, apagados da vida da cidade por olhos que preferem não os ver. Assim como a repórter,

tenho um desejo de tornar visível os invisíveis. Mas ao tomar conhecimento do efeito da sua reportagem nos seus entrevistados, percebi que esta tarefa exige um cuidado ético redobrado. *“Eu levei sua voz ao mundo de fora, mas os expus. Eu os tratei como personagens de ficção, não como gente real. [...] Magoei pessoas que confiaram em mim.”* (p.113). A jornalista pediu perdão e desculpas num texto autocrítico e reflexivo, que vem em seguida a reportagem original. Num primeiro momento desisti de publicar as histórias. A diferença entre uma pesquisa e o ofício de repórter é a existência de um comitê de ética que prevê que danos como esse produzidos aos entrevistados pela repórter não sejam cometidos. As informações obtidas na pesquisa são confidenciais e os participantes dela, têm seus nomes protegidos. Mesmo assim, a pesquisa prevê visibilizar essas vidas a partir do livro. Embora seguindo os protocolos éticos, e garantindo o cuidado de não expor os entrevistados, surgiu uma preocupação diante do que foi narrado pela repórter.

Uma pista para resolver esse impasse apareceu num texto de Edson Souza (2007) chamado “Função Estamira”, sobre o filme documentário ‘Estamira’, de 2006, de Marcos Prado. O documentário narra a vida de uma moradora e trabalhadora do Aterro Sanitário do Jardim Gramacho, no Rio de Janeiro. Marcada por sucessivas violências, Estamira num relato impressionante propõe reflexões filosóficas e políticas adquiridas vivendo dos restos que são jogados fora todos dias pelas nossas latas de lixo. Uma de suas reflexões por exemplo, é sobre o que colocamos fora: “as vezes, é só resto, e, às vezes, vem também descuido. Resto e descuido.” Sousa (2007) observa que há uma indicação de Estamira sobre o olhar, que nesse ponto cumpre uma função:

É neste ponto preciso, que Estamira nos indica uma função do olhar, pois é desde sua posição singular que pode recuperar um estatuto, para aquilo que foi rejeitado e eliminado. Junto com o lixo vêm, evidentemente, muitos pensamentos e imagens de uma sociedade do exagero, do consumo compulsivo, do descuido e da negligência. (SOUSA, 2007, p. 52).

Diagnosticada como esquizofrênica, há mais de 20 anos, o que vemos é uma voz adoecida, com trágicos lampejos de lucidez na psicose desenvolvida por uma vida demasiado dura, demasiada violentada, seja pelo Estado, seja pelo outro, anônimo. Marcos Prado levou três anos para finalizar o documentário, além de ter sido paciente “*Soube respeitar o tempo do acontecimento.*” (SOUSA, 2007, p.54) e por fim, Sousa nos revela a pista: ele teve a autorização de Estamira, mas não só. “*Foi para ela que mostrou, em primeira mão, a versão final, pedindo o seu consentimento. Portanto, este é um filme de verdadeira parceria e legitimidade.*” Nesse ponto encontramos um norte para nosso problema, e reavaliamos a decisão inicial de não publicar os testemunhos.

Propus, então, esta última pesquisa que intitulei “O que resta das marcas após o testemunho?” em 2020, (mas não realizada naquele momento devido a pandemia) e retomada em 2022, que teve como objetivo principal ofertar aos sujeitos entrevistados a leitura em conjunto do testemunho redigido pelos bolsistas e a possibilidade de comentar, alterar o material construído pelos pesquisadores, seja acrescentando ou retirando detalhes do que foi narrado a partir das entrevistas. Também oferecemos aos entrevistado a possibilidade de assinar o próprio testemunho ou manter o sigilo sobre sua própria identidade.

Assim nasceu esse livro, cujos participantes da pesquisa ouviram suas histórias narradas pelos bolsistas que os entrevistaram. Então comentaram, analisaram, sugeriram alterações que foram seguidas à risca. E outros encontros nasceram e novas histórias foram contadas. *O que resta das marcas após o testemunho* traz uma experiência muito particular de estar junto, de refazer caminhos da memória, de compartilhar e construir narrativas e, sobretudo, de sustentar pela escuta sensível, destinos para dores tão antigas.

É preciso agradecer portanto, primeiramente aos moradores dos bairros Harmonia e União que tiveram a generosidade de compartilhar suas histórias e dores conosco. Agradecer também aos bolsistas das duas pesquisas, Gabriel Aguiar Castanho, Isadora Ferrazza Dal-Ross, Kyrilia Dornelles Mendonça, Lara Renata

Pereira Lopes, Laura Cabral Frainer, Luana Retzlaff Willig, Ridlav Schineider e Roberto Salbego Donitch, que ouviram os moradores, que registraram e escreveram de maneira muito sensível, cada um em seu estilo, as suas próprias impressões daquilo que viram e ouviram. Agradecer ao bolsista Ridlav em especial pelas ilustrações que constam no livro, são de sua autoria, e não pensamos nelas como meras ilustrações, mas como uma escrita através de imagens, revelando que o pensamento se dá para além da forma escrita, ou seja, também transmitimos sentimentos e emoções através das imagens. Agradecer à Secretaria Municipal de Saúde de Santo Ângelo, em especial, a equipe de Atenção Básica do Posto União que sempre nos recebeu de braços abertos, em especial a coordenadora do posto Bruna Rafaela da Silveira e as agentes comunitárias de saúde Letícia Borges dos Santos, Marilaine Aparecida da Silveira e Vanuza Aparecia Garcia Paulus, que nos acompanharam em muitas visitas domiciliares, ainda já na primeira pesquisa no bairro (2016-2018) - Modos de Viver e Habitar de uma Comunidade em Situação de Vulnerabilidade Social no município de Santo Ângelo.

Gostaria de agradecer ainda a URI - campus Santo Ângelo, à FAPERGS e ao CNPq pelo indispensável auxílio com as bolsas de pesquisa, sem eles a pesquisa não teria acontecido.

Referências

BRUM, E. “A Casa de Velhos”. In: BRUM, E. **O Olho da Rua:** uma repórter em busca da literatura da vida real. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.

DUARTE, A. COSTA, J. STEINHAUS, P. OLIVEIRA, D. “Modos de viver e habitar de uma comunidade em situação de vulnerabilidade social no município de Santo Ângelo”. In: LIMA et al. (org.). **Identidade, contemporaneidade e práticas psicológicas no contexto brasileiro**. Teresina: EDUFPI, 2018. p. 655-665.

SOUSA, E. L. Função: ESTAMIRA. **Estud. psicanal.** n. 30 Belo Horizonte ago. 2007.



Os Bairros Periféricos

**Harmonia
&
União**



O Bairro União

Luana Retzlaff Willig

Pra quem é de fora, a fama do bairro União assusta. Com uma rápida pesquisa sobre o bairro na internet o que se encontra são reportagens de assassinatos, tráfico de drogas, roubos e até abigeato. Já me perguntaram algumas vezes: *“Mas o que é que você quer lá?”* dando a entender que as histórias não são importantes, que devem se manter invisíveis e não cruzar a borda do bairro. Sem saber a realidade, supõe-se coisas com base no que aparece na

mídia. Aqui buscamos na fonte, para saber qual a história do bairro e das pessoas que moram no União.

Primeiramente exponho um pano de fundo sobre o bairro, que tem aproximadamente 20 anos. Ele foi povoado através de invasões, a ocupação aconteceu de forma irregular, onde pessoas pobres, sem ter onde morar, montaram seus barracos num terreno anteriormente inabitado. A terra foi invadida pelos moradores, sem compra nem venda. O bairro era puro mato, não tinha água e nem luz até o ano de 2002.

Uma parte das habitações do bairro foi regularizada através de acordos com o governo federal. Mas o bairro continua crescendo, ocupando parte do terreno que não foi cedido nas negociações, o que causa tensão. Há uma nova área invadida, que ainda não tem recursos. Fazem “gato” de energia elétrica no poste mais próximo, a água é pega de balde em poço ou é negociada com algum vizinho que tenha. Hoje o bairro União já tem casas que abrigam três ou quatro gerações de uma mesma família.

Durante uma caminhada nota-se que ficou no passado: o cenário é composto de ruas esburacadas de terra vermelha, casas sofridas de madeira, galinhas, cachorros e lixo. Alguns moradores olham desconfiados, não é difícil notar que não somos dali. Não é aconselhado andar pelo bairro sozinho, ainda mais depois de escurecer, por isso uma moradora nos acompanha na caminhada. Em uma das ruas a companheira não nos aconselha a entrar, nota-se um senhor na esquina, parecia o que chamam de olheiro, uma pessoa que fica posicionada na entrada de onde tem boca de fumo, cuidando quem passa, quem entra e quem sai. A moradora o cumprimenta, fazemos o mesmo.

O União tem muitas crianças. Numa manhã, em uma das ruas havia uma fila de meninos, sujos de barro de brincar, esperando ao lado de uma vaca, onde uma mulher a ordenhava. Os meninos aguardavam ansiosos para ganhar um pouco de leite, quando chegava a vez era uma alegria! Ao lado dessa cena tinha

muito lixo na beirada da rua, o cheiro se fazia presente, assim como os cachorros que caminhavam por ali.

A parte nova é a mais miserável. Sem segurança de moradia, em área invadida, podem ser tirados dali a qualquer momento, não se sabe se por pessoas batendo em suas portas ou por máquinas já derrubando tudo. Com a insegurança de perder o pouco que têm, construíram barracos. As casas que são de madeira são minúsculas, um cômodo para sabe-se lá quantas pessoas. Com os “gatos” de energia elétrica, fico pensando no perigo de um incêndio acontecer.

Olhando de longe pela rua principal do bairro, avista-se um galpão ao fundo, atrás da nova área ocupada. Pergunto para a agente de saúde do que se trata aquele galpão, ela me responde que a prefeitura está usando para guardar coisas de carnaval. Me bate um misto tristeza e revolta. Um galpão, quase do tamanho do ginásio da comunidade, feito de alvenaria, grande, que poderia abrigar pessoas ou ter um projeto em prol da comunidade, mas é usado para guardar coisas de carnaval... Penso comigo mesma que a festa mais popular do Brasil aqui não se compartilha mais que quatro paredes amorfas aos moradores. Por outro lado, há um ginásio de esportes onde os moradores realizam, quando há projetos de tempos em tempos, partidas de futebol. O ginásio possui salas que foram cedidas para a primeira pesquisa realizada na comunidade em 2016-2018. Junto com as mulheres lavamos as salas e mantínhamos uma limpeza semanal por conta própria para nosso uso – uma oficina de trabalhos manuais em parceria com a Secretaria de Assistência Social do município, que ofereceu materiais para nossos ensaios com artesanatos diversos, linhas e tecidos. Aquela pesquisa encerrou em 2018, mas conseguimos manter o grupo por mais um ano. O ginásio, possui um potencial imenso de uso, há um palco onde poderia abrigar apresentações culturais, mas já naquela época se encontrava sucateado, com os banheiros e pias quebrados e a quadra principal em estado de falta de reparos e cuidados. Tendo apenas um vigia como funcionário regular do prédio.

Além dessa espécie de abandono (quando não há uma manutenção sistemática do ginásio, por exemplo), notamos que parte da comunidade que vive de restos: resto de madeira para fazer as casas, resto de asfalto que foi usado para tapear os buracos das ruas, resto de oportunidades e de olhar também. Olhar no sentido de interesse e cuidado. Mas, por sorte, o bairro tem pessoas que vão à luta pelos direitos do bairro e defendem a população do União.

Nossas visitas às casas (antes da pandemia, é preciso pontuar) foram regadas à muito chimarrão, doces e amargos. Fomos muito bem recebidos por onde andamos, em algumas casas até com bolachinhas e calça virada, onde mesmo tendo pouco reparte-se com a visita. Em outras casas os moradores buscavam as melhores cadeiras para nos receberem, faziam questão de mostrar sua hospitalidade da forma que sabem bem. Depois das entrevistas era difícil dar tchau, sempre tinha mais alguma coisa a ser contada e mais um mate.

As manhãs e tardes compartilhadas contando “causos” serão pra sempre lembradas. Aqui transmitimos as histórias que quiseram ser contadas e assim como foram narradas para nós, alguns trechos com palavras exatas tais como foram ditas. Os moradores têm as histórias de vida mais variadas. Histórias de superação, de sonhos... Mas nem tudo são flores, há também perdas, tropeços e sofrimentos envolvidos. Tentamos comunicar as experiências que nos tocaram, utilizando também a nossa sensibilidade. E agora, com as devidas correções feitas pelos próprios moradores.



Vidas Reais

**Dos
Bairros
Periféricos**



A Tia da Pastoral

Roberto Salbego Donicht

Eu me recordo até hoje de uma fala do meu pai acerca da época na qual ele acidentou-se de carro e ficou um certo tempo internado no hospital, o mesmo me comentou que quando ele estava de cama, que uma senhora veio até ele para confortá-lo e orar com ele e que tal ação foi bastante terapêutica. Embora eu me identifique muito pouco com tal prática e até, muito provavelmente, fosse ficar irritado caso em um momento de enfermidade tivesse que lidar com uma situação como esta, é inegável que para muitas pessoas receber uma escuta e um cuidado de um desconhecido em um momento de vulnerabilidade pode vim a ser bastante benéfico, e, é exatamente isto que a Dona Verônica¹ faz no seu dia-a-dia no bairro Harmonia.

Dona Verônica, uma senhora de aproximadamente 60 anos que vive no Harmonia, quando fomos visitá-la e então iniciar as entrevistas com ela, a sua primeira frase gravada foi: “Hoje eu fui no hospital né, fazer visita da igreja”. Pessoa bastante religiosa, a mesma encontrou nas atividades realizadas pela a igreja o seu desejo, Dona Verônica faz/fez de tudo um pouco: Visita em hospitais, coral da igreja, pesagem das crianças da comunidade, lanche e ceia de natal para as crianças do bairro, estudo bíblico, coordenadora da pastoral, inúmeras visitas e participações em cultos e dentre outras coisas. De fato, uma mulher de múltiplas facetas.

Qual não foi a minha surpresa quando a mesma me relatou, com este extenso currículo, que: “Tudo trabalham, a preguiçosa só eu, eu acho”, quando se referia que a mesma era pensionista. É tentando fazer jus ao nome da Dona Verônica, ou a tia da pastoral como as crianças do Harmonia a chamam, que tentarei, nas próximas linhas, demonstrar que ela pode ser muita coisa, menos

1 Nome Fictício.

preguiçosa. Detalhando assim suas atividades eclesiásticas ao longo de 18 anos de vida no Harmonia.

Atualmente, ela dedica-se apenas a ir no hospital fazer visitas e orações para as pessoas internadas, vai ela e mais 2 colegas e em suas palavras: “Daí através da igreja nós vamos, nós temos nosso crachazinho e tudo. Quando nós chegar lá, eles abrem a porta pra nós entrar, daí chega lá, se apresenta, da pastoral da saúde e daí se eles desejam oração ou... entrega um folhetinho também. Daí a gente ora por eles”. Embora para alguns isso possa parecer uma atividade fácil, ela provavelmente discordaria, inclusive a mesma se reúne na pastoral para discutir o que fazer e o que não fazer, como um minicurso, tanto que a mesma afirma “[...] tem pessoa que não é pra isso”, Dona Verônica cansou de ver colegas de visita desistindo da alçada. Ainda sim, para ela, esta é uma atividade bastante satisfatória, pois é “[...] muito bom né, você se sente bem”.

A mesma também atuou por 15 anos na pastoral da criança auxiliando no cuidado das crianças do bairro Harmonia, parou devido a problemas de saúde e também “porque tem umas pessoa né...”, mas nada que fizesse ela esquecer do prazer que sentia em tal atividade. Dona Verônica ficou 15 anos indo com o seu caderninho pelo o Harmonia para pesar as criancinhas, inúmeras e inúmeras anotações, seu desejo e gosto pelo o trabalho era tanto que a mesma contagiava o resto da comunidade. Ela cansou de ver pessoas que eram atendidas por outras colegas de trabalho que não tinham a mesma motivação de Dona Verônica, que “faziam levando com a barriga”, irem em sua busca para serem colocadas em seu caderninho, afinal, como ela mesmo trouxe “Porque se tu vai fazer alguma coisa, tem que fazer bem feito”.

Particularmente, acredito que a comunidade reconheceu a disposição da Dona Verônica, principalmente as crianças que por ela eram atendidas. Era só a mesma andar um pouco pela a comunidade que as crianças exclamavam “ah a tia da pastoral, tia da pastoral”, inclusive, essas mesmas crianças, hoje adultos, a reconhecem e a cumprimentam, até mesmo os envolvidos com o tráfico, mas não tem jeito “a gente cativa as crianças né” diz ela. Com o tempo, a

mesma assumiu a coordenadoria da pastoral, e em suas próprias palavras “[...] e eu corria, fazia, fazia lanche para as crianças” e isso acabou marcando até mesmo o seu contexto familiar, o seu neto, desconfiado, sempre pergunta quando vê a vó fazendo comida e diz “vó, tu tá fazendo pra pastoral?” e não importe o que Dona Verônica diga, o mesmo sempre olha desconfiado e com receio de perder sua parcela de lanche e exclama “ah vó, tu tá fazendo pra pastoral”.

É ouvindo esses relatos que se torna impossível não questionar acerca da relação do bairro com a igreja e a sua relevância social no local, Dona Verônica explica que a mesma é bastante participativa na comunidade mesmo. Ela então nos traz suas histórias, de círculo de orações, do período que a igreja ficou sem ônibus e o pastor foi até a Santa Helena para conseguir dinheiro para comprar um micro-ônibus, que foi a felicidade da comunidade, do período que um vendaval veio e levou todo o telhado da igreja, das diferenças com a igreja católica do bairro, afinal “nós somos evangélicos, nós somos diferentes”, da juventude na igreja que nunca vinga, é sempre um “começam e já para”.

Então é nessas idas e vindas que a Dona Verônica construiu e constrói a sua história na igreja e no bairro Harmonia, tanto que a mesma pretendia na época participar de um estudo bíblico para apreender a evangelizar, um desejo de passar adianta as alegrias e vivências da igreja talvez. Por fim, questionada sobre a importância da igreja e religião na formação de sua vida, a mesma é categórica e diz: “Eu sempre tive na evangélica e tudo. É uma coisa que faz bem pra vida da gente né”.

Após tudo isto, eu creio que você, assim como eu, perceba que a Dona Verônica de preguiçosa não tem nada e que, o mais incrível, todas essas atividades que a mesma realizava eram voluntárias e eram realizadas em consonância com o seu trabalho, no caso ela era cuidadora de idoso, chegando inclusive a cuidar por um tempo do dono da fábrica da Coca-Cola de Santo Ângelo, pois é, não é pouca coisa. Mas esse é só um fragmento, uma pequena ilha de um mundo inteiro de histórias que a Dona Verônica

compartilhou conosco, espero que, assim como eu, vocês estejam desejosos de ouvir um pouco mais da nossa tia da pastoral nas próximas páginas.

Amor aleijado

Roberto Salbego Donicht

No primeiro casamento
Até uma religião nova nos apanha
Antes católica, agora evangélica, onde há reconhecimento
Lhe parece uma história estranha?
Você não viu nada até o momento.

17 anos, sair de casa
Ele, com 3 filhos e 7 anos à minha frente, parece preparado para
me amar
A mãe contrariada disse “quer casar? casa”¹
Mas ela também alertou “depois não venha reclamar”
Quem dera tivesse a escutado, permaneceria assim em sua asa.

“Quando eu casei. Ai, eu sofri”
Os 3 filhos dele, sempre planejavam alguma engenhoca
“Eu sofri”
E ele me batia, pois, “as crianças faziam fofoca”.

“Logo que casei, engravidei”
Tomar veneno ele me fez “e daí sofri”
“Pra me matar e matar o bebê”, quase findei
Eis então, o inesperado, meu esposo acidentou-se e eu sofri
Apesar de somente ódio ele me dar, cuidado eu lhe dei.

De pedreiro a paraplégico
“Cuidei que nem uma criança”
“Troquei fralda, aprendi a fazer injeção”, cuidado de médico.

1 Os trechos entre aspas são transcrições diretas do que a nossa entrevistada nos trouxe.

“Mas durou um tempão
Ficava bravo
E ele me jogava tudo o que tinha na mão”.

Pior, “ele fazia baile dentro da minha casa”
Baile com “aquelas cachaças de limão”, misericórdia
Chamava “tudo as...”, vendo tudo isso, só me restava a minha reza
Então dormia na sogra e me colocavam a limpar a casa depois, era só discórdia.

“Eu digo: o meu casamento não foi bom e eu me casei muito cedo”
Até na guria, com menos de 1 ano, de cinta ele batia
Eu devia ter saído, mas permaneci pelo meu credo
Assim, tanto eu como minha filha, de tudo sentia
Cuidando dele, adoeci, eu tinha tanto medo.

A coluna estraguei, faltou compaixão
Tive que me operar
E “Ele disse: Ah, esperava sair dentro do caixão”
“Foi um tapa para mim” ouvir isso depois de lhe cuidar.

Chega, não mais fiquei hibernando
Para a asa da minha mãe eu voltei
Ele chorou pelo o meu retorno, mas “eu depois que guspi, eu não lambo”
No lar então, novamente me encontrei.

Agora, mais madura, com 4 filhos
A mais nova tem 18 anos e vai casar
Mas é diferente, ele e ela são crentes, não há empecilhos.
“Ela vai fazer por causa da igreja”, menos chances de defasar.

A mulher do sabão

Roberto Salbego Donicht

A relação do ser humano com o trabalho sempre foi algo bastante conturbado. Em alguns períodos de nossa história ele era visto como tortura, destinado aos escravos e criminosos. Mas, o trabalho também já foi visto como uma virtude que glorificava os homens e as mulheres. Seja como for, de modo positivo, negativo ou até mesmo em sua ausência, o trabalho está presente na vida de todos os indivíduos. Através dele encontramos ocupação e sustento, o que nos permite também construir sentidos para a vida. Somado a isso, os trabalhos não são valorizados da mesma maneira, enquanto uns ganham pouco, outros ganham muito, mesmo que trabalhem a mesma quantidade de horas. Dito isso, eu gostaria de compartilhar nesse texto a relação entre a Dona Viviane¹ e o trabalho, ou melhor, entre vários trabalhos.

Ao longo dos encontros com a Dona Viviane fomos descobrindo que ela era uma caixinha de surpresas, a cada fala e discussão surgia um afazer novo e como ela ocasionalmente nos lembrava: “Sempre tem, isso não para nunca. Um dia faz uma coisa no outro faz outra”, afinal de contas “as conta tão tudo aqui ó, eu não sei da onde sai dinheiro, vai ter que saltar dinheiro de algum lugar para pagar, olha aí ó, tudo isso aí.”, mas não havia motivos para muito pânico, pois “a gente vai dando um jeito, vai reunindo o dinheiro” lembrava ela.

E, bem, a Dona Viviane não dava só um jeito, ela dava vários, era possível achar mil e uma profissões conversando com ela. Tais como confeitadeira, cuidadora de idosos, artesã, coletora de lixo, vendedora, revendedora de cosméticos, cozinheira do Centro De Referência Da Assistência Social - CRAS, recicladora, empregada doméstica, produtora de sabão e inúmeras outras tarefas. Sempre

1 Nome fictício.

quando questionada acerca de como ela conseguia e aprendia a fazer tanta coisa ela ria e respondia “o Youtube ensina” e eu, menino de classe média sentia-me até mesmo envergonhado por não me utilizar tão eficazmente do aplicativo como ela, e muito menos necessitar realizar tantas tarefas no meu dia-a-dia.

Ainda muito jovem, ela largou a escola. O motivo? Como ela mesmo nos trouxe rindo: “Eu ia no colégio só para comer merenda e brigar com as colegas”, ademais: “Eu estudei 7 anos, não saía do lugar e minha mãe me tirou do colégio”. Com a saída da escola e o “tempo extra”, ela aos 12 anos começou a trabalhar como cuidadora de criança e assim iniciou a sua jornada trabalhista, indo de um lugar para o outro já que “minha carteira cada patroa era um mês assinando, um mês! Numa casa e em outra... tem uns quantos que não assinaram, mas cada casa era um mês, mês e pouco, nunca durava muito”.

Sobre a relação com a escola, Dona Viviane ainda comenta: “E saí burra do colégio” disse, mas essa questão educacional não afetou-a muito, pois, ela confessa: “eu posso demorar pra fazer uma conta, mas não saio lograda de jeito nenhum”. Nessa vida que parece sempre tentar lhe subtrair algo, Viviane adiciona, adapta-se. Eu acabei questionando se ela não tinha interesse em voltar a estudar e ela disse que não sabia, “que o tempo é pouco, é que a gente tinha que aprender né, a mexer no computador” e além do pouco tempo, “o dinheiro não aparece”.

Um tempo depois de sair da escola, aos 20 e poucos anos, Viviane engravidou. Então, começou a trabalhar para a sua mãe, a qual lhe ensinou um pouco de crochê, “fazia serviço pra ela, ela era aposentada, ela fazia almoço lá, a gente almoçava, pagava água, pagava luz” e de conta e conta, de trabalho em trabalho, a vida da Viviane foi se estabilizando. Um tempo depois, ela trabalhou na cozinha do CRAS da região, 3 anos, foi uma maravilha, era o emprego ideal, porém, certo dia dispensaram as funcionárias da cozinha falando que chamariam de volta. Dona Viviane aguarda até hoje o chamado de retorno. Apesar da frustração, ela ainda

deseja trabalhar na cozinha, mas como auxiliar, porque “nunca a gente vai saber fazer tudo”.

E de fato, nós nunca vamos saber fazer tudo, mas que a Viviane sabe fazer muita coisa é inegável. Essa disposição dela para realizar qualquer tipo de trabalho me chamou bastante atenção, lembro-me de ter perguntado a ela se ao realizar tantas tarefas não batia o desânimo de estar fazendo algo o tempo todo, e ela me respondeu que “bate o desânimo por não fazer nada, não ter o que fazer”. Em outro momento estávamos falando acerca das preocupações dela um dia se acidentar trabalhando, e ela complementou dizendo que continuaria nos serviços “tendo as mãos e enxergando bem, e os pés bons”.

Hoje em dia, além de fazer os artesanatos, os quais à acompanharam toda a sua vida, Dona Viviane também é cuidadora, revendedora de cosméticos, faz docinhos e produtora de sabão, e, particularmente, eu não duvidaria que ela realize mais uma ou duas tarefas que não se fizeram presentes em nossos diálogos. Afinal, se o dinheiro tá sempre sumindo, a Viviane também está sempre procurando. Inclusive, sua aptidão com o sabão é até mesmo conhecido pelo Harmonia, pois, “se alguém quer comprar sabão, é só dizer assim: “onde é que mora a mulher do sabão?” e já dizem onde é que é”.

Questionada se ela via que sua vida melhorou economicamente ao longo dos anos, ela disse: “Ah não, agora eu to lá em cima”. Ainda assim, mesmo estando lá em cima, o dinheiro parece estar mais acima ainda e as contas logo abaixo, e ela, que mesmo tendo dificuldade em fazer contas, sabe que há algo de errado quando diz: “E a montoeira de dinheiro que aparece na TV? Porque que não mandam pro povo que precisa, pros professor, pra educação, pra saúde?”. Bem, isso eu também não sei responder Dona Viviane, acho que nesse caso tanto você como eu estamos sendo logrados, uma pena. Concluo com uma fala dela que cai muito bem para finalizar esse texto, que é: “Mas não pode perder a fé, como é que vai perder a fé? (risos) Mas sei lá, cada um cada um né”.

Daniel, o músico de fé

Luana Retzlaff Willig

Daniel é natural de São Luiz Gonzaga, mais especificamente do Rincão do Pontão, segundo ele “é de onde saltou o Porca *Véia*”. Daniel veio para Santo Ângelo ainda bebê, por isso considera-se natural daqui, morou em vários bairros da cidade até chegar no União. É homem reservado, não é de muitas palavras, mas quando fala, fala em ritmo cantado. Ele tem uma relação forte com a música.

O primeiro [violão] eu já tava com uns 18 anos, nem sabia tocar ainda. Eu já fui pegar já tava bem rapaz. Eu trabalhava com um cara num caminhão, daí o cara era tocador de violão, ele e o cunhado dele. Nos fins de semana daí eu ia na casa dele, era pertinho da minha, eu ia lá pra escutar eles tocar. Aí lá eu começava: “me ensina a tocar essa coisa!” Daí comecei a gostar da coisa [...] consegui comprar um violão com um outro cara ali uma vez, peguei e não tinha jeito de aprender, acabei vendendo. Então eu pegava um, dava uma tenteada, não se ajeitava... Empurrava pra frente, vendia, e ia vendendo. Aí sentia falta, comprava, dava um jeito e conseguia outro. Até que depois consegui aprender um pouco daí eu comecei a segurar né, digo: “não, agora eu vou dá uma caprichada!” Aí fui ajeitando, e daí se ajeitou.

Desde então não parou mais, aprendeu a tocar gaita também, já gravou participações em CDs. Daniel também é compositor, diz que o processo de composição é rápido, já deu composições de presente para um amigo gravar. Segundo ele, só não é artista por falta de espaço, e também porque não dá dinheiro, ainda mais na era de internet, não vale a pena gravar CD. Hoje em dia canta e toca em igrejas da cidade, cinco dias por semana.

Daniel toca em aniversários quando o chamam, já tocou em rádio também, disse que sobram convites. *“Por dinheiro isso aí não dá mais, nós tentemo, montemo uma banda aí mas não deu*

certo [...] Nós tocava banda, música sertaneja, música gaúcha, todos os gostos né como se diz. Era de tudo.” Daniel aprendeu a tocar sozinho, observando outros tocadores.

Eu aprendi [a tocar] sozinho. Com o dom de Deus. Quer dizer que, claro que a gente olhando bastante. Eu gostava de ta em roda de quem tocava né, ficar olhando ali. Eu pedia umas instrução ali pra alguém [...] Dizia “ba, me ensina a tocar isso aí, um violão uma coisa” daí os cara ensinam: “é assim, é assim”.

Para ele o importante da música é a letra, a mensagem: *“Cada letra que a gente faz a gente procura botar uma mensagenzinha no meio, né? Tem que ter. A letra, a composição bem feita, tem que ter a mensagem, tem que ter tipo um “porquê” da letra, né?”*. Ele contou muito de sua vida através das suas composições, que tive a oportunidade de apreciar ao vivo, ele e seu violão. Entre as músicas autorais que Daniel apresentou, está a “Eu era triste”, onde ele conta em forma de hino a sua relação com a igreja:

Eu era um gaúcho triste, cantava pra não chorar
Chorava quando não ia na igreja à Deus adorar
Quando alguém me perguntava qual a razão do meu pranto
Lhes digo, preste atenção nesta mensagem que canto:
Andava rolando o mundo, igual as pedras do chão
Vivia daqui pra ali, não achava solução
Mas hoje que eu encontrei alguém que me deu a mão
Esse é meu Jesus Cristo, que mora em meu coração.

Daniel sofre de uma doença degenerativa que foi lhe roubando a visão há mais de 30 anos. Outros homens da família também sofreram com essa doença. Hoje já não enxerga mais nada. Quando a filha Vitória era bebê, ele já não enxergava muita coisa, mas diz que ainda lembra de como era o rosto da filha. Mesmo assim Daniel, sempre de óculos escuros, recebe as pessoas sorridente. *“Eu, graças a Deus, com tudo que sou assim, sou feliz da vida. Sou tranquilo, as vezes mais feliz que um que enxerga bem e*

anda por aí [...] Eu anoiteço e amanheço facero, não quero saber do outro dia, o outro dia pertence a Deus.” Segundo ele, muito da força que o apara quando está com problemas é a fé que lhe traz.

O músico gosta de acordar cedo e sentar na área de casa tomando chimarrão. Gosta de ficar no sol, diz que assim que *“recarrega as baterias”*. Gosta também de ir pescar de vez em quando no açude de um parente. Costumava gostar de uma cachacinha também, o que quase o matou. Daniel saía com seu violão e ia para o bar, de lá não saía até irem na casa dele para chamar alguém para levá-lo embora. Ele disse que não gostava das modernidades de beber cerveja, o negócio era cachaça pura mesmo. A filha Vitória que o buscava no bar, muitas vezes já pela manhã. Era nos bares que Daniel tinha amigos, lá ele era reconhecido pela música que fazia.

Num dia em que já havia bebido umas, sentiu uma dor no peito, tirou a camisa e um lado do seu corpo estava inchado, seus batimentos estavam rápidos. A filha Vitória viu a situação do pai e levou-o para o hospital. Lá não quiseram o atender: *“aqui é só emergência”*, como se não fosse uma. Aguardaram, mas com a demora precisavam ir para outro lugar. Estava chovendo e Vitória só tinha dinheiro para mototáxi. Foram para o Posto de Saúde 22 de Março. Lá deram-no uma injeção. Com a aplicação, Daniel disse que o efeito do álcool passou no mesmo instante. Fez alguns exames e foi liberado. Foram para casa.

Chegando em casa, encontraram o irmão de Daniel com uma garrafa de cachaça. Contaram-lhe o que havia acontecido e, mesmo sabendo da situação, ele ofereceu para que Daniel tomasse um pouco, ele negou. O homem voltou a oferecer, insistindo, até que Vitória pegou a garrafa e jogou porta a fora, no meio da rua. Desde então Daniel conta que não colocou mais nenhuma gota de álcool na boca. Tinha filhas pequenas para criar, não queria morrer e deixá-las sem pai.

Dentre as composições apresentadas a nós, está a que ele fez para a filha mais velha. Filha de um relacionamento anterior e a qual ele não sabia que tinha até pouco tempo atrás. Quando

ficou sabendo da filha, 38 anos após o nascimento dela, Daniel fez a música com o objetivo de tocar quando a conhecesse. A canção é intitulada “Amor de pai”.

Todas as tardinhas o sol desaparece, no outro dia ele volta a dar brilho

Como é que um filho vai esquecer o pai? Como é que um pai vai esquecer o filho?

Estou sentindo minha alma ferida, eu vou sair por um outro trilho

Eu vou andar pelo mundo além, pois talvez alguém possa me dar auxílio

Lá eu deixei tudo a minha riqueza, pra o meu filhinho e a minha amada

Por causa de intrigas ela me deixou, então demonstrou o rumo da estrada

Olhei nos seus olhos com muito carinho, cheio de tristeza beijei o seu rosto

Não tive coragem de abraçar o filhinho, senti que eu ia morrer de desgosto

Sou um homem triste, me sinto perdido, o meu consolo é viver chorando

Não tenho amor, não tenho mais nada, não passo de um vulto que anda caminhando

Será que meu filho se lembra de mim? Ou será que ela já me esqueceu?

Mas eu quero ainda apertar em meus braços e dizer à ela que seu pai sou eu.

A composição para a filha fora do casamento gerou ciúmes na família, as outras filhas também queriam uma música para elas. Mas elas também se emocionaram com a canção. Ela foi tocada quando a filha perdida veio conhecê-lo: *“Ela se derreteu que nem açúcar”*.

Na história de Daniel pode-se observar a precariedade de acesso à educação musical, onde ele poderia ter desenvolvido “o

dom de Deus”, como diz ele. Ele foi aprendendo como deu, com pessoas com quem ele teve contato e sabiam tocar. Houve também dificuldade de construir uma carreira de músico profissional, muito por questão financeira. Gravar CD é caro e, em era de internet, é difícil que alguém adquira.

Os lugares que acolheram Daniel e seu talento foram, primeiramente, os bares e depois a igreja, a qual ele frequenta assiduamente. Mas o lugar de dele não é o bar e nem a igreja: é na música. Ele sabe de sua habilidade, mas não de toda a sua capacidade que o acesso à educação musical poderia ter revelado. Pena não poder compartilhar aqui os áudios de suas canções, mas como ele mesmo diz: o importante da música é a mensagem que ela transmite.

“E o pai que nunca vem?”

Roberto Salbego Donicht

O que é possível lembrar daqueles que se foram? O que é possível dizer diante do desaparecimento brutal dos outros, principalmente quando esses outros, são nossos parentes mais próximos, nossos íntimos, aqueles que levam com a gente, quase toda a nossa história, como enfrentar essas horas? Pois bem, diante dessas interrogações me lembrei do filme “Snatch -Porcos e Diamantes (2000)”, vocês já viram?. Há uma cena neste filme em que a família do personagem cigano, interpretado pelo o Brad Pitt, é assassinada e para elaborar a perda desses membros toda a comunidade cigana faz uma grande festa regada de muita comida e bebida, a melancolia da perda é transformada em algo a mais. É uma cena bastante interessante e até o meu encontro com a Dona Verônica¹ eu acreditava ser algo apenas destinado ao mundo hollywoodiano ou a culturas distantes, como os ciganos (os quais eu infelizmente nada compreendo).

A família de Dona Verônica tinha/têm (não sei dizer se era algo só das gerações passadas) o hábito de se reunir quando um membro da família morria e então fazer um grande banquete, com direito a carneação de gado e tudo. Ela até mesmo contou que quando era criança achava muito estranho este evento e negava-se a comer, pois, “[...] eu não vou comer essa carne, carne de morto” e também, tinha certo receio em ir em velórios, porém, com o tempo ela habituou-se e hoje em dia diz: “Mas agora eu sou fã de ir nos velórios” e até mesmo “[...] os guris dizem que eu sou papa defunto”. Mas como a relação da Dona Verônica com a morte se modificou tanto? É o que eu pretendo explorar neste fragmento.

A relação entre a nossa querida tia da pastoral e a morte começou muito cedo, “e o meu pai foi morto quando eu tinha 10

1 Nome Fictício.

anos, quando mataram meu pai [...]” foi o que ela nos relatou no segundo encontro... E ficou por isso mesmo, apenas no terceiro encontro que ela retorna para este assunto e, curiosamente, ele ocorre quando eu ingenuamente a questiono acerca da relação dela com a educação, com o saber, e ela então inicia a sua epopeia em sua relação com a morte. Moradora da zona rural, estudava no pátio de sua casa, onde a escola estava instalada, até o momento em que o seu pai foi assassinado e a mãe de Dona Verônica expulsou a escola de sua propriedade, por que?

Tudo se inicia quando o pai de Dona Verônica vai até a casa de uma das professoras que dava aula ao irmão mais velho de Dona Verônica, o qual “ ia no colégio, mas não aprendia” e o pai, preocupado, busca então compreender o que está ocorrendo. Ao chegar na casa da professora e dialogar, o marido de uma parente dessa professora é bem enfático e diz que vai matar o pai de Dona Verônica. “E daí quando o meu pai saiu de cavalo, ele tava de cavalo no meio de um campozinho, daí quando ele ia passando, ele botou nas costas atirou nele, assim encostado o revólver nas costas”

De acordo com a Dona Verônica: “O meu pai não carregava arma alguma, única coisa que ele tinha era um relho para surrar o cavalo e o cavalo ainda era novo né” e, assim, devido a um problema de educação, o pai de Dona Verônica ficou no chão. O cavalo, veloz e assustado, consegue chegar até um tio dela, e ele notando que algo estava errado sobe no cavalo, busca o seu irmão quase morto, nota a gravidade do ocorrido e vai cavalgando até outro tio a cavalo, o único “que tinha condução na época”.

Neste meio tempo, as irmãs mais velhas de Dona Verônica “tavam esperando, tinha um baile de um primo nosso, perto de casa e daí as gurias mais velhas estavam esperando para ir no baile”, porém, cada vez mais a inquietação surgia “ E o pai que nunca vem?”. Ao ouvirem um barulho de cavalo, todos foram para a janela ver o pai chegando, porém, quem veio foi o tio que passou cavalgando e todas exclamaram: “Aquele lá não é o pai não”. Logo após, este mesmo tio retorna e fala “ó o teu pai foi baleado e caiu do cavalo”, lembro-me que ao relatar isto, Dona Verônica estava

inconformada, pois, como ela mesma disse “Daí meu Deus do céu, era sábado de Aleluia. Era sábado de Aleluia e ele ia fazer aniversário no outro dia, o meu pai”. A mãe dela inclusive havia feito arroz doce para o pai, o prato favorito dele.

Apesar dos esforços dos tios, o pai faleceu no momento em que ele foi colocado no automóvel para ir para a cidade, “deu derramamento nos pulmão, a bala daí pegou e daí morreu” e logo após, uma carneada de gado. Em relação a tudo isto, há uma frase dela que me marcou bastante, ela finalizou com um: “O meu pai foi o tal que saiu de casa e nunca mais voltou”, há inclusive, uma música do Projota que possui semelhanças com esta história, o nome é: “O Homem que não tinha nada”, nessa música o personagem, um homem que não tinha nada, mas possuía o amor de sua família, encontra outro homem que também não tinha nada, mas tinha uma faca, e o mata. Em ambas as histórias, é uma morte que ocorre por um motivo vazio, sem fundamento, apenas acontece, como se fosse um simples ato do cotidiano humano.

Há, um adendo interessante, Dona Verônica nos relatou que, após o assassinato de seu pai, surgiu uma lenda na sua família de que um cachorro branco acompanhava as pessoas até o cemitério mais próximo e depois desaparecia, curiosamente, esse cachorro sempre surgia no local que o seu pai morreu, embora, Dona Verônica tenha nos trazido em tom humorado (uma característica dela) que: “Eu graças a Deus nunca vi”.

Dois anos depois, houve o falecimento da avó de Dona Verônica e lá foi outra carneada e assim sucessivamente, inclusive, me surpreende a Dona Verônica não ter virado vegetariana. Analisando tudo isto, é perfeitamente compreensível entender as razões da Dona Verônica em rejeitar a participação em velórios, só quem perdeu o pai aos dez anos pela brutalidade e pela injustiça, e perdeu a avó dois anos mais tarde pode dizer da incapacidade de comer carne ou qualquer outra coisa nos dias posteriores. Como uma criança poderia entender que o tamanho da festa correspondia ao tamanho da homenagem ao morto? No entanto, isto muda, quando ela mais madura, divorciada do primeiro esposo (uma

história que também será contada), acaba indo morar em um lar dos idosos com a sua mãe, já muito fragilizada com a idade, e a sua primeira filha, na época com 8 anos.

Recebendo a morte como uma velha amiga

Elas chegaram no dia 14 de janeiro e dia 25, sua mãe falece, mas dessa vez ela foi no velório, “era família né”, o porque a morte de familiares passados não despertou o mesmo sentimento creio que jamais saberemos. Curiosamente, Dona Verônica acaba ficando no lar do idoso, sendo contratada para realizar o que mais lhe dá prazer, cuidar, é, então, que a sua relação inamistosa com a morte começa a se modificar. É, após a ida no velório da mãe e iniciando sua relação de cuidado com vários idosos do lar, os quais na maioria das vezes estavam próximos da finitude de suas vidas, que Dona Verônica começa a ver a morte como uma companheira.

É nesse período no lar do idoso, convivendo com inúmeras vidas, que Dona Verônica passa a ver a morte com os outros olhos. A sua filha, a Cassandra², suscita essa experiência em uma frase: “Eu me lembro quando falecia um vôzinho, quando eu me acordava tavam velando assim ó”. Passamos algum tempo ouvindo as inúmeras histórias da Dona Verônica no lar do idoso, como por exemplo: A relação dela com um idoso perdidamente apaixonado por ela, que só de ver ela cuidando de algum idoso recém-chegado já o fazia ficar emburrado e ranzinza ou ainda a história de “um senhor que ele tinha câncer né e daí, daí ele tinha uma paciência e eu olhava ele sempre com aquela paciência, mesmo sofrendo né”.

Há ainda uma outra história, que ao meu ver, possui semelhança com a própria infância da Dona Verônica. Houve um momento que ela começou a nos relatar que existia muitas famílias que apenas abandonavam os idosos lá, chegando a inclusive mentirem dizendo: “ah, eu não sou familiar, que não tem familiar”, isso, para a Dona Verônica, era algo “triste, criou um montaréu

2 Nome Fictício.

de filho, mas chegou naquela época e não tem ninguém”. Porém, havia uma senhora em específico que não sofreu desse abandono no asilo, ela tinha um filho de criação que sempre a visitava e então a Dona Verônica começou a nos relatar a história desses dois.

Esta senhora era empregada de uma mulher, a qual era a mãe desse garoto, e no primeiro ano de vida desse menino, a mãe dele foi assassinada e então a senhora decide cuidar do rapaz. A história começa com essa idosa, na época jovem, limpando roupa no rio, e, enquanto a sua patroa e o filho recém-nascido estavam em casa esperando o retorno dela, ela escuta um barulho de tiro e vai correndo para essa casa verificar o que havia ocorrido. Chegando lá, ela encontra a mulher morta e o bebê no berço chorando, eis então mais uma morte inexplicável para esta nossa história.

Este bebê tornou-se um adulto e do lado da cama de sua mãe adotiva, já enferma, contou a Dona Verônica, que, um dia entrando em um ônibus para viajar ele encontrou na figura do motorista de ônibus, o assassino de sua mãe. Ela nos relatou que ele pensou que ele “podia entrar aí e deixar cravado no banco né [...] já que ele fez isso com a minha mãe”, mas, por algum motivo, ele assim não o fez. Nos últimos dias de vida de sua mãe, essa pessoa passou o tempo todo no quarto com ela, ficando com ela até o momento final. Dona Verônica nos relatou que achou esse gesto algo muito belo.

Intrigado com tantas histórias e pessoas que a Dona Verônica conheceu, eu a questionei se ela ainda mantinha algum contato com um dos senhores supracitados e ela disse “É, mas a maioria já não existe mais né”, ao ouvir isso, eu não senti tristeza ou melancolia vindo da parte dela, mas sim nostalgia, ela não apenas cuidava dos idosos lá, ela era cuidada por eles também, ao menos essa é a minha hipótese. Portanto, é somente quando Dona Verônica fica de fato “face-a-face” com a morte (e por que não com a vida?), cotidianamente, que a mesma consegue elaborar o seu medo de ir em velórios, quem sabe até mesmo a própria morte de seu pai, até se tornar a “fã de ir nos velórios”.



Tatiane e as Super (ações)

Luana Retzlaff Willig

A família de Tatiane morava no bairro Harmonia até o ano 2001, quando se mudaram buscando sair da zona de tiro que acontecia na frente da casa onde habitavam. O ponto de corte foi quando um dos tiros quase acertou Tatiane, que estava na porta de casa com a filha nos braços.

Era um bang bang lá embaixo né [...] daí eles deram um tiro pra cima da porta, e eu tava na porta com a gurria no colo (filha de Tatiane, na época com menos de um ano de idade) [...] daí daquele dia em diante a gente pensou: não, não tinha como conviver ali embaixo né, a gurria ia crescer e não ia ter liberdade pra nada, né?

Tatiane contou que no Harmonia moravam em uma casa de boas condições, tinham luz e água, mas o medo de bala perdida falou mais alto. No bairro moravam integrantes de uma facção, e quando se encontravam com membros de outro grupo, era tiroteio na certa. Os moradores ficavam reféns ao interior de suas casas, ainda com medo de uma bala perdida os encontrar. A família de Tatiane trocou de casa em um contrato de compra e venda e foram para o bairro União, que na época não tinha água, luz e nem esgoto, mas não tinha também a violência que enfrentavam quase todos os dias. *“Praticamente nós viemos pra cá quando não tinha água, quando não tinha luz. [...] Tipo, era mato, agora é um bairro. A maioria era mato quando a gente veio. Mas daí, agora modificou bastante, muita coisa não, mas a maioria.”*

As condições da casa eram precárias, ela era feita de compensado e tábuas de madeira, não tinha banheiro. Na moradia havia dois cômodos: um que servia de sala e cozinha, e um quarto. Tatiane se emociona ao contar do lugar onde morava: *“Dava vontade de chorar, de verdade mesmo! Dava vontade de chorar pela casa que nós tinha! [...] Hoje a gente não dá pra te dizer que a gente é*

bem de vida, mas a gente é rico! Porque quando nós viemo morar aqui, Deus o livre!”

Com o tempo a família foi aumentando e precisaram construir uma nova casa no terreno. Na época somente a mãe de Tatiane estava trabalhando, eles não tinham condições de melhorar a casa onde moravam. Até que o marido de Tatiane fez um empréstimo, então começaram a adquirir os materiais: *“Aí a gente fez a outra casa, ali que a gente foi vivendo, sabe? [...] Daí o que era presidente do bairro daí conseguiu água, luz e coisarada... Daí que foi instalando, foi fazendo os papel e coisarada, daí que a gente ta aí até hoje.”*

Ela teve contato com a Associação do Moradores do bairro União, a qual o primo de Tatiane foi o primeiro presidente, ele fundou a comunidade como um bairro. Tempo depois ele se mudou para o Harmonia e o bairro precisava de uma nova chapa para a Associação de Moradores, então Tatiane se prontificou e foi de candidata à presidente do bairro. *“Eu sempre gostei de ta enfiada no meio dessas folia, sabe? [...] Eu achei que não ia nem ganhar!”*, diz ela. Mas ganhou, e ficou por quatro mandatos, por pressão popular e por gostar da coisa. *“Quatro ano, quatro mandato eu fiquei nesse bairro de presidente. [...] Deus o livre, o que nós corremo por esses terreno aqui de cima”*. O “terreno aqui de cima” que Tatiane fala é a parte nova ocupada do bairro, a mais ao fundo e também a mais precária. Em uma situação, a brigada militar foi até o local junto de máquinas para derrubar as casas e tirar as pessoas do terreno invadido, veio também a imprensa pra registrar o ocorrido. Tatiane, assim que ficou sabendo o que estava acontecendo, foi lá impedir:

Cheguei lá e disse pra ele: “Que que tá acontecendo?” Daí o cara, o comandante da brigada né, pegou e disse assim “Não, porque a gente tem uma ordem aqui” e não sei o que. Digo: “Ordem de quem? Vocês não têm ordem de ninguém! Vocês não vão derrubar nada, vocês não vão tirar ninguém daqui. A ordem tá aqui ó, eu tenho a folha da juíza, da audiência que nós tivemos, vocês não podem botar a mão em nós. Nós não vamo invadir pra lá, não vamo fazer nada de errado, ninguém vai construir.” Porque daí foi o acordo que nós fizemo com

a juíza lá né [...] E daí eu disse pra ele: “Ninguém vai tirar ninguém daqui.” E o cara da rádio começou: “Não, porque eu preciso de uma entrevista!” Pensa! E eu ali né, daí eu digo “e agora?” Bom, vou deixar ele perguntar né, pergunta eu respondendo. Daí ele começou perguntar. Daí eu disse: “Cara, não é assim que funciona, um monte de criança, um monte de gente, idoso. As pessoa precisando e vocês querendo tirar as pessoa daqui? Mas e cadê o respeito? [...] E ninguém bota a mão em ninguém daqui! Secretaria de sem vergonha! Porque nós temo o papel de ordem da juíza, se teve audiência, teve tudo bem direitinho, nós temo respeitando, por que que não podem respeitar a gente também? Por que acham que a gente é pobre daí não pode respeitar o pobre!? Porque engraçado que rico todo mundo respeita, o pobre não pode ser respeitado? Mas credo! Ninguém vai tirar ninguém daqui!” Ficaram até meio dia, guria, infernizando ali, e nós debatendo, debatendo... [...] Parou um paredão na frente, de gente, assim, ninguém mexe com ninguém! Aí até hoje tão ali. Daí agora sim, agora construíram casa, [...] daí já ganharam poste, daí botaram um registro, só que o registro é geral, pra todas as casa né, de água. Mas tão morando tranquilo ali, sabe!

Tatiane defende o território onde mora com pulso firme, diz que a força para buscar melhoras para onde mora é *“de geração em geração”*. Ela diz ser *“fora da casinha”*, mas tem pensamentos muito mais corretos do que muito servidor público que encontramos por aí.

De vez em quando me dá uns estralo, assim, bem fora da casinha, e digo: “sabe de uma coisa? Vo lá na prefeitura”. Do nada, assim! [...] Me fui lá, bem facera. Cheguei lá, peguei um vereador, eu digo: “preciso falar com um de vocês!” “Não, pode passar aqui!” [...] Daí eu disse pra ele: “Escuta, eu já marquei lá, o cara vai marcar uma reunião com o prefeito lá, mas o prefeito vai me escutar! Ele diz que nós não semo mapeado, tá aqui o mapa ó!” E o pior que eu consegui o mapa do bairro né. Daí eu disse “tá aqui o mapa, onde é que nós não semo mapeado? Agora ele vai me pagar!” [...] Daí ele disse assim: “não, eu vou lá ver a situação do teu bairro”. Daí ele veio. Daí ele tirou foto de tudo as rua e coisa e tal.

Há anos ela vai na prefeitura buscando a implementação da rede de esgoto no bairro, mas sem sucesso até o momento. Davam

a desculpa que o bairro não estava no mapa, então ela procurou o mapa com a gestão anterior da Associação de Moradores e foi lá cobrá-los. Entre as conquistas para o bairro, estão caçambas de restos de asfalto que a prefeitura, depois de muita insistência de Tatiane, jogou em cima do barro vermelho das ruas do União, buscando melhor qualidade para o ir e vir da população. O prefeito queria que arrumassem somente a rua principal, mas Tatiane não gostou nada disso: *“Ou coloca em todos ou não coloca, porque só pra um não acho certo!” Daí dito e feito, daí ele botou na principal mas daí ele botou em todas as quadra.*” Como eram restos, com as chuvas o barro vermelho tornou a fazer parte da paisagem.

Tatiane trabalhou desde cedo. Quando teve a primeira filha, sozinha aos 14 anos, fugiu para outra cidade buscando trabalho, para trazer dinheiro para casa e poder sustentar sua filha. Depois trabalhou com reciclagem, lavanderia, limpeza e cozinha. No seu último emprego, devido ao stress sofrido, Tatiane acabou tendo um surto psicótico que quase a levou a cometer um homicídio. Depois do episódio ela foi até uma rodovia e esperou um carro vir para se jogar na frente, felizmente a irmã a achou antes que ela o fizesse, e a internou na ala de saúde mental do hospital.

Na última eleição que teve para a Associação de Moradores, Tatiane pediu para colocarem ela em outro cargo. Ela está enfrentando a depressão, que há anos a acompanha, mas teve seu pico com tentativas de suicídio a cerca de oito meses atrás. Tatiane, que passou muito tempo cuidando e lutando por todos, agora também precisa de cuidados.

É uma coisa complicada, não tem como explicar, sabe? O que a gente sente por dentro é uma coisa sem explicação, as vez nem eu não consigo entender. [...] Se eu ficar sozinha aqui, mais de uma hora, eu fico viajando, sabe? Viajando, viajando, viajando, dali a pouco eu já começo a chorar, já fico desesperada, e se eu não tomar um remédio, um calmante, eu fico loca o dia inteiro, eu fico fora de mim o dia inteiro, sabe? Então, é uma coisa sem lógica e sem explicação. Eu queria um dia acabar entendendo o que é essa porcaria.

A viagem que Tatiane diz são pensamentos disfuncionais. Tatiane diz que quando está sozinha pensa “não vou sair desse buraco, não vou conseguir mais fazer as coisas, eu fiquei uma inútil, eu não sirvo pra nada, eu não tenho ânimo pra nada”. Depois de uma vida sendo solícita para tudo, correndo atrás de emprego para sustentar os três filhos, buscando melhores condições para a sua vida, Tatiane sente-se mal por ter adoecido.

[Eu] fico pensando “cara, como que eu fui cair dentro de um buraco?” Eu sei o porquê que aconteceu isso, por causa do stress que eu tive no restaurante. Mas assim, eu fico pensando: “Tanta coisa eu passei durante meus 14, 15 ano, tanta coisa eu passei na vida e nunca caí, sabe, nunca caí”. Claro, a gente cai mas a gente levanta, [...] só que pra mim me levantar de volta tá sendo bem difícil, bem difícil.

Tatiane tem quem observe o seu trabalho prestado à comunidade. Além dos vizinhos que pedem para que ela continue na presidência do bairro, ela recebe proposta há sete anos para se candidatar à vereadora da cidade, na próxima eleição ela pretende aceitar o convite. Disse que precisa de algo para ocupar a cabeça, e que se estiver bem até a época de campanha vai concorrer.

A mãe de Tatiane também tem depressão, e foi Tatiane que cuidou dela. Tatiane disse que a chamava de louca, que “aquilo era coisa da cabeça dela”, mas hoje entende que não é bem assim. Hoje ela sente na própria pele o que é a depressão. Tatiane está tendo acompanhamento no CAPS II¹, onde vai a consultas psicológicas e psiquiátricas.

A comunidade buscou ajudar Tatiane da forma que achou que seria possível. A convidaram para participar de um projeto beneficente, que arrecada doações e as encaminha para quem está precisando. Tatiane ficou responsável por cuidar do brechó do projeto. Lá ela disse que achou “*coisa para ocupar a cabeça*”, sente que está fazendo bem para ela. Tatiane começou a fazer visitas domiciliares também, onde ela leva cestas básicas para pessoas

1 Centro de Atenção Psicossocial II – Unidade de saúde especializada em sofrimento psíquico.

em situações muito precárias. Tatiane disse que ajudar aos outros também é uma forma de se ajudar, está gostando de participar do projeto. Tatiane, mulher de garra, que lutou por muita gente, hoje junta forças para sair da depressão. Desejamos vitórias nas novas batalhas de Tatiane.

Destruição familiar

Roberto Salbego Donicht

Quando eu entrevistei Catarina ficou bastante perceptível em seu relato de vida sobre a importância do relacionamento dela com o Frederico de anos deles seria o que comumente chamamos de “amor real”, cheio de altos e baixos, um aglomerado de emoções e experiências. Particularmente costumo achar histórias assim bem belas e inspiradoras, demonstra-nos de que o “ideal de amor” talvez não seja alcançável, mas também indica que o amor se modifica e se transforma de acordo com a história de vida de cada um, enfim, marca, cria “cicatrices” boas e ruins.

Mas qual a razão de eu ter trazido esses devaneios? Bem, porque pretendo trazer a história de um período tragicômico em que Catarina e Frederico se afastaram e até mesmo divorciaram-se. Um momento “baixo” da vida deles. Segundo Catarina, houve um período do relacionamento dela com o Frederico bastante conturbado. Foi um período que Frederico desejou tornar-se “homem da cidade”, isso causou bastante conflito entre eles, principalmente porque algumas características de “homem da cidade” iam contra os ideais religiosos que Catarina acreditava e pregava. Após inúmeros problemas acabaram se divorciando. Catarina trouxe que até assinou o papel do divórcio sem perceber que o ato era definitivo. Na verdade, pensou que haveria outro encontro para ocorrer de fato a “martelada”.

Nesse período, Catarina rindo trouxe “ih, daí tem uns babados fortes”, que babado é esse? Bem, um novo parceiro amoroso. Eu e Catarina até brincamos que enquanto Frederico teve o seu período de homem errante, ela também teve o seu período de mulher errante. Foi nesse período de mulher errante que Catarina conheceu o Manoel, um cara legal segundo ela, “[...] ele tocava

violão e saía na praça, umas coisas bem legal assim sabe”. E mais que isso, “Ele era cristão”, essa mescla de características fez com que Catarina entrasse na onda do namoro cristão. Inicialmente foi um período bastante bacana para Catarina, ela relata que “[...] cada dia a gente inventava uma coisa, ia no culto, era bem loco”, estava tudo indo muito bem.

Mesmo com o relacionamento nas alturas, Catarina sentia-se angustiada nessa relação, parecia algo errado para ela, “porque eu acredito que casamento é um só [...] Porque como é que eu ia falar pro meus filhos, pregar pro meus filhos”. Catarina me trouxe que esse relacionamento não parecia certo, ela sentia-se deslocada nisso, ainda assim, como estava indo tudo certo, ela resolveu dar um voto de confiança.

Desse modo, ela e o Manoel decidiram mudar de vida e ir morar em uma fazenda em outro estado brasileiro. Essa fazenda era perfeita, “fui lá pra conhecer o lugar, lugar lindo, maravilhoso, a beira mar [...] Lá um paraíso, cavalo, tudo, tudo do bom e do melhor”. Lembro-me que achei bastante interessante quando ela então interrompeu esse relato todo maravilhoso sobre essa fazenda quase mística e trouxe “mas só que, tu acredita que eu queimei uma casa”, nós então rimos. Essa habilidade de Catarina de conseguir mudar totalmente o clima de uma história usando-se de poucas palavras é algo que admirei e ainda admiro bastante.

Enfim, como que de “tive momentos maravilhosos” fomos para “[...] botei fogo na casa do Osmar Lisboa”? Manoel e Catarina foram contratados para trabalhar na fazenda de Osmar Lisboa. Lá, uma das primeiras funções de Catarina foi a de recolher o lixo, fazer um monte e ir colocando em uma churrasqueira para ser queimada. Catarina estava queimando o lixo de pouco em pouco, porém, ela também estava tendo que cuidar o arroz em sua casa e, portanto, teve que se afastar por 15 minutos da churrasqueira para dar uma olhada no arroz. Ela trouxe “[...] eu deixei aquele fogo queimando, mas bem sereno, uma coisa, porque eu sou muito consciente nisso né, tá, cuidadosa né e aí fui lá quando eu vi uns funcionários chegando lá e disse: ó, tá pegando fogo a casa”.

Catarina entrou em pânico ao ouvir isso, “meu Deus, liguem pros bombeiro, olha, eu não sei, daí eu só chorava”, sem conseguir fazer nada e com uma extrema má vontade dos outros funcionários, os quais ela suspeita que possam ter aprontando alguma com ela, em auxiliá-la. A casa do patrão Osmar Lisboa aos poucos foi derretendo. Toda a angústia enterrada de Catarina retornou, ela só conseguia pensar “Meu Deus, o que é isso? O que que tá acontecendo? Por que isso, só me vinha destruição familiar, destruição familiar e aquilo ali ó”.

Tempo depois, Osmar Lisboa em pessoa chegou para ver os estragos em sua propriedade. Ao contrário do que Catarina imaginava, o homem foi bastante tranquilo e não a puniu nem nada. Catarina conta que sabia que ele era maçom e isso só reforçou mais ainda a sua convicção de que ali não era o seu lugar, “É, me vinha todas esses flashes sabe? Tudo o que eu tinha aprendido na igreja, sobre a Bíblia, sobre... me vinha muita essas coisas”. Essa mescla de sentimentos, experiências e memórias fizeram com que Catarina chegasse a uma conclusão, “[...] naquele dia acabou o dia pra mim sabe, acabou a boniteza da fazenda e eu só sabia dizer que eu queria ir embora daquele lugar, que não era o meu lugar”.

O evento da queima da casa fez com que Catarina desistisse de mudar-se para a fazenda junto de Manoel. Ela retornou para Santo Ângelo e o bairro Harmonia, fixando residência na mesma casa que eu a conheci. Como ela não desejava mais retornar para a fazenda, com o tempo ela e Manoel foram se afastando e terminaram. Curiosamente ele casou-se com uma mulher logo em seguida, o que fez Catarina invadir um cartório toda vestida de preto, mas isso já é outra história, uma bem mais cômica na minha percepção. Ao retornar para o Harmonia, Catarina focou-se mais nos estudos religiosos e com o tempo voltou a relacionar-se com o Frederico, o qual também não teve muito sucesso em sua vida de “homem da cidade”. Atualmente eles estão juntos e costumam ir acampar ocasionalmente.

Lembro-me que Catarina trouxe que toda essa experiência teve um propósito para ela. Ela crê que a queima da casa foi muito

mais uma forma de proteção de Deus sobre ela e a sua família do que qualquer outra coisa. Afinal de contas, se não fosse a queima da casa ela não iria repensar a sua decisão, não iria retornar para o Harmonia e talvez não aprofundasse o seu conhecimento religioso. Não iria reatar com o Frederico e muito menos ia perceber que talvez Manoel tinha um relacionamento extraconjugal. Enfim, após esse longo percurso, Catarina define “Deus escreve certo por linhas perfeitas através dos caminhos e trajetórias de vida”.

Passa pro papai

Roberto Salbego Donicht

Em um dos encontros que eu e a minha colega de bolsa tivemos com a Catarina (nome fictício) eu acabei ouvindo uma história bastante interessante. Bem, na realidade eu ouvi inúmeras histórias interessantes com a Catarina e para ser bem sincero, a grande maioria me deixava incrédulo, sempre ficava me perguntando “como uma mulher passou por tantas dificuldades, até mesmo violações de direitos pesadíssimos, e consegue me relatar tudo isso com razoável tranquilidade?”. Eu tinha, e talvez ainda tenha, dificuldade em perceber que a realidade de muitas pessoas é uma constante “maré de azar”, onde coisas ruins ocorrem frequentemente, seja por acidentes, violência ou irresponsabilidade de outros.

A história que desejo narrar para vocês foi contada em um período de três tardes, regada a muito chimarrão e consumo ocasional de bergamotas. Logo quando eu me encontrei com a Catarina, ela me contou no primeiro dia a história do um acidente de carro que sofreu enquanto morava nos arredores da capital rio-grandense. Mais ou menos para o final do nosso encontro, começamos a conversar sobre o nascimento de seus dois filhos e ela então trouxe-me que havia sido atropelada quando a sua filha mais velha na época tinha quase 6 meses.

Ao ouvir isso, os dois filhos de Catarina começaram a repetir a frase “passa pro papai” e então ela riu e nos contou o que isso significava, assim como descreveu para nós como havia sido o acidente. Catarina recém havia superado sua depressão, como ela mesmo falou: “eu tava no auge, tinha minha filha, meu Deus, tava tudo maravilhoso”. Foi nesse auge que o acidente ocorreu.

Catarina estava andando com o seu marido Frederico (nome fictício) e a com a sua filha Luísa (nome fictício) no carrinho de

bebê quando Luísa, de repente, começa a chorar. Catarina então pegou a criança no colo e disse ter ouvido uma voz bem legível dizendo: “Dá pro papai, que ela tá mais segura”. Ao ouvir isso, Catarina pegou a criança e deu para Frederico, eles então trocaram de lado e logo depois veio um carro com um motorista bêbado e atingiu as costas de Catarina que estava levando o carrinho de bebê, tudo então foi para os ares.

A pancada foi tão forte que ela acabou parando no fundo de uma porta, duas casas depois do local que estava, o seu marido complementou dizendo que “quando a Catarina se machucou, tavão procurando a Luísa nos cantos, nos matos”, já que o carrinho de bebê também havia voado junto. Catarina contou que quebrou nariz, teve corte nos braços, machucou o ouvido e ficou com sequelas na coluna, ela até falou rindo: “É, fiquei toda sequelada”. Ainda assim, quando ela acordou no hospital, o qual sequer fez exames e ela só foi perceber que ela havia quebrado o nariz, um tempo depois – um tempo depois e viu que o seu marido e filha estavam bem, tudo o que ela soube fazer foi agradecer e rir, os conhecidos ao ver isso só souberam dizer: “Pronto, agora enlouqueceu mesmo”.

A entrevistada então nos explicou que não saberia lidar caso tivesse sido o seu marido ou a filha que tivessem sido atingidos pelo o carro, como ressaltou: “Então, eu acredito que Deus sabe de todas as coisas, porque se fosse a minha filha morrer daí eu ia... me acabar na depressão”. Ainda sobre o momento de ter ouvido uma voz misteriosa alertando-a para passar Luísa para o pai, Catarina acredita que tenha sido uma intervenção divina, ela crê que Deus tenha lhe auxiliado e consequentemente deixando a sua filha e marido em segurança.

Frederico, que estava próximo de nós enquanto Catarina contava o seu acidente, se pronunciou. Lembro-me que a forma dele falar e se expressar eram totalmente diferentes da de sua esposa. Catarina era extrovertida e nos contou o evento de modo cômico e acho que até mesmo leve, já Frederico era mais ácido e cirúrgico em suas palavras. Ele começou a falar logo após eu ter comentado que Catarina tinha um histórico horrível com médicos, já que eles

sequer haviam realizado um exame para verificar se o nariz dela estava ou não quebrado, além disso, em outras histórias que ela nos trouxe, houve também negligência médica.

Frederico comentou então que a sua mulher fora bastante ingênua nessa situação toda, disse: “A fé muito alta, não foi pela a razão”. O motorista alcoolizado que atropelou Catarina acabou saindo impune, a razão da impunidade? Bem, de acordo com Frederico foram duas: A sua mulher estava muito tomada pela a religião e focada no perdão, contribuindo assim para que ela não corresse atrás de processos jurídicos para processar e punir o motorista. Já o outro motivo, é que esse motorista, nas próprias palavras de Frederico, “[...] era gente conhecida da cidade, de médico principalmente, era amigo, amigo de médico e ele não constatou que ele tava bêbado”. Comentei que achava isso um absurdo e ele trouxe apenas que “isso é assim, o sistema funciona assim”.

Apesar das tragédias, creio ser importante ressaltar que também há rosas nessa história. Após o acidente, Frederico reuniu toda a comunidade da região em que ocorreu o acidente, “[...] reunimos todo mundo que tinha sido atropelado, quebrado um braço, uma perna, tinha batido com o carro na rua ali”. Eles realizaram uma greve, paralisando a rua onde ocorreu o acidente, ele trouxe rindo: “Nós paramos a cidade por duas horas”.

A manifestação trouxe resultados e uma reivindicação antiga de Frederico finalmente deu certo: a prefeitura acabou realizando reformas naquela rua e colocou quebra-molas. Apesar disso, não foi o suficiente para apaziguar a amargura de Frederico que optou por abandonar a cidade perto da região metropolitana e mudar-se com a família para uma região rural nos arredores de Santo Ângelo. O irônico é que nessa nova moradia, rural e afastada dos problemas da cidade grande como Frederico sempre desejou, também houve uma coincidência ou intervenção divina, como diria Catarina. Buscando novas oportunidades de emprego, a família também optou por abandonar a residência rural e deslocar-se para Santo Ângelo. O curioso é que um tempo após a mudança, Catarina e

a sua família descobriram que houve uma apreensão de drogas nessa fazenda. Para Catarina, isso poderia ter dado uma boa dose de problemas para a família e, portanto, por sorte ou providência divina, a sua família novamente foi agraciada.

Curioso como sou, quis descobrir de onde veio essa amargura de Frederico com a “cidade grande”, vulgo Porto Alegre. Assim como toda relação do sujeito com as suas emoções, essa amargura também possui uma história. Antes do acidente de Catarina, aquela região já era conhecida por diversos acidentes de carros e isso preocupava Frederico que então correu atrás e organizou uma reunião com representantes do bairro e da prefeitura buscando construir um quebra-mola, calçada ou qualquer coisa que auxiliasse a reduzir o perigo daquela rua. Tal reunião ocorreu, mas foi um completo fracasso. Frederico contou: “Daí, nós preocupados com o sistema da cidade, fomos numa reunião de bairro e falamos pra uma prefeita da cidade, daí expomos a situação né, daí todo mundo queria... eu me irritei”. Os representantes do bairro não se acertavam, cada um desejava pedir algo e a prefeita até aparentou ter desejo de auxiliar e colocar quebra-mola na rua, porém, alguém informou que naquela rua não podia ser colocado devido a uma lei de trânsito. Lembro-me que achei engraçado ele imitando, de um modo que mesclava desgosto e frustração, essa tal pessoa enquanto ele nos contava o diálogo que teve com o cara, abaixo um relato:

- Frederico: “Mas por que não pode? Se a rua é nossa, por que não pode?”.
- Frederico imitando o cara: “Porque tem uma lei de trânsito de não sei o que, bi bi bi bó bó bó, que não pode em curva, não sei o que onde tenha ônibus e daí não pode quebra-molas”.
- Frederico: “Então vai morrer gente, eu não vou votar em mais nada, eu votaria só pra isso, sinalizadores ou quebra-molas”.

Bem, até onde eu sei não morreu gente, mas o lado religioso de Frederico sim morreu após o acidente de Catarina, ele

mesmo disse: “Desgostei da crenteadá, assim essas coisas de igreja”. Ainda assim, a revolta e depois mobilização da comunidade que ocasionou a greve levou a mudanças reais na comunidade, a rua de fato adquiriu quebra-molas, “tem no começo da cidade até o outro lado tu não consegue passar dos 40 por hora por causa dos quebra-molas que tem lá”. Embora seja uma frase clichê, talvez a frase “uma vitória com gostinho de derrota” resuma o sentimento de Frederico, embora não possa dizer com certeza, foi essa a minha impressão.

Algo que eu achei muito curioso é que a “lei de trânsito” trazida pelo o funcionário da prefeitura que impossibilitava a construção de quebra-molas e assim invalidando a reivindicação de Frederico simplesmente desapareceu quando a população reivindicou e protestou. Eu me pergunto porque temos que esperar que tragédias ocorram para que mudanças reais sejam realizadas? Nós podemos transformar a nossa sociedade, deixá-la melhor, temos o conhecimento e as condições necessárias para isso. Simplesmente não fazemos, isso realmente me frustra. Inclusive, acho que até sei o que Frederico me diria se ouvisse eu dizer isso, seria algo semelhante ao que ele me trouxe quando terminamos o primeiro encontro com Catarina, ele falou naquela ocasião: “Eu digo que toda pessoa é crente em alguma coisa cara, nem que seja no diabo, no inferno, no vizinho, tudo é o sistema, é o sistema”. Talvez ele esteja certo, não sou uma pessoa de muitas crenças, mas uma delas talvez seja que o “sistema” pode ser modificado, melhorado, inclusivo, enfim, espero que essa minha aposta na força de ação das pessoas se torne realidade algum dia.

Escolhi relatar essa história no meio de tantas que a Catarina me trouxe por que ela, de algum modo, me cativa como diria a raposa de “O Pequeno Príncipe”. Para mim, é uma mescla que resume bem o que eu penso ser a Psicologia como um todo e o seu objeto(s) de estudo. Ela retrata esse emaranhado indissociável que existe entre o indivíduo e o social. Ela começa com Catarina nos contando essa experiência bastante pessoal e mística que ela teve ao ouvir a voz dizendo “*passa pro papai*” e assim consolidando

a sua fé quando acorda no hospital com toda a sua família bem e viva e termina com Frederico demonstrando sua insatisfação com o sistema e a religião. Uma mesma situação, tevê efeitos tão diferentes, senão opostos, entre Frederico e Catarina. Tal experiência foi capaz de afetar não somente a relação e as crenças de um casal, mas como transformar uma comunidade inteira.



Aquele sem nome

Ridlav Schineider

O bairro União localiza-se no interior do estado do Rio Grande do Sul, mais precisamente na região noroeste, em uma cidade conhecida como Santo Ângelo. Pelo que descobri conversando com alguns moradores, junto da minha amiga, colega de curso e pesquisa, Luana Retzlaff Will, originou-se a partir da necessidade dos moradores do bairro ao lado por um lugar melhor para viver.

O bairro ao lado é denominado como “Harmonia”, o motivo desconheço, talvez meus amigos, colegas de curso e pesquisa, Roberto Salbego Donicht e a Kyrليا Dorneles Mendonça saibam, pois este é o bairro onde eles, assim como eu e a Luana R., ficaram responsáveis por ouvir o testemunho desta população marginalizada e invisibilizada socialmente.

Os primeiros habitantes do bairro União que eu e Luana R. conhecemos foram Petra e Coutinho, conhecemos através da agente de saúde e moradora do bairro Harmonia, Leti Costa, que se disponibilizou a nos ajudar nesta pesquisa interessada na história de vida dos moradores do bairro União.

Petra é mãe de Coutinho, que era vizinho de Vitória – testemunho transcrito por Luana R. – cresceu no bairro Harmonia e também saiu de lá em busca de um lugar melhora para viver. O que tem de tão ruim no bairro Harmonia? Ainda tem?!

Como quem escreve o roteiro de um filme, escreverei minha primeira experiência no União:

1.INT. - CASA DE PETRA - MANHÃ

Um rádio antigo, daqueles com entrada para fita cassete soa a notícia de que assaltantes fugiram em direção ao bairro União.

2.EXT. – CASA PETRA - VARANDA - MANHÃ

Estamos eu e Luana R. na margem da cidade de Santo Ângelo, pesquisando narrativas dos moradores do bairro União. Estamos sentados na varanda da casa de Petra e Coutinho. Petra é uma senhora de idade, tem seus cinquenta e tantos, Coutinho, filho de Petra já deu umas trinta e algumas voltas ao redor do sol. O clima está frio na sombra e calor no sol, pássaros cantando são interrompidos por um som de tiro, a conversa continua normalmente.

RIDLAV

- Esse negócio de quando dá algum roubo e anunciam que desceram para o bairro União, como vocês se sentem?

COUTINHO

- Fica é... como diz... apreensivo né?

PETRA

- Pouco tempo, agora, não lembro quanto tempo faz isso, acho que a gente tinha vindo lá de Caxias, ele (Coutinho) *tava* doente, dentro do hospital, foi pra UTI e tudo, daí ele veio embora, daí ele foi, não lembro onde é que ele ia de manhã. E não matam um casal ali na sete...

COUTINHO

- Eu *tava* indo buscar cigarro pra senhora.

PETRA

- É e saiu...

COUTINHO

- Dez *pila* eu tinha no *borso* aquele dia.

PETRA

- E não é que a policia prendeu ele?!

COUTINHO

- Aqui na esquina, só porque eu *tava* com a calça camuflada do quartel e eu quase coloquei um moletom vermelho, se eu tivesse colocado o moletom vermelho, tinha ido preso, quer dizer, eu fui preso! Eu *to* processando o estado por causa

disso, mas até agora não veio papel nenhum do fórum, não veio nada.

PETRA

- Tava com umas roupas... calça do quartel que tinha ganhado dos guris, dá *muié* lá em Caxias onde nós tava, tinha o guri dela que tava no quartel, deu roupa pra ele lá. Tá daí era aquele movimento, aquela movimentação.

Fade out/Fade in

3.INT. - CASA DE PETRA - QUARTO DE COUTINHO - MANHÃ

Coutinho está usando uma calça camuflada, aquelas usadas no quartel e uma camisa xadrez, abre o guarda roupa, pega um moletom vermelho, mas decide vestir o amarelo.

4.INT. – CASA DE PETRA – COZINHA/SALA – MANHÃ

Coutinho prepara um pão com mortadela. Petra alcança uns trocadas para Coutinho.

PETRA

- Toma, filho, busca um cigarro lá para mãe antes de ir pro CAPS.

COUTINHO

- Vou fazer um pão com *mortandela* e já vou.

5.EXT. – CASA DE PETRA – MANHÃ

Coutinho tenta desviar de uma grande poça de lama localizada em frente sua casa, mas falha e acaba se sujando um pouco.

COUTINHO

- Tem como piorar?!

6.EXT. – RUA BAIRRO UNIÃO – MANHÃ

POLICIAL

- Parado! Não te mexe, não te mexe!

Coutinho levanta suas mãos para cima.

7.INT. – VIATURA – MANHÃ

Um policial aponta a arma para Coutinho enquanto outro desce do carro, revista Coutinho de forma bruta, joga o pão com mortadela de Coutinho fora e o algema.

COUTINHO

- Que isso?! O que eu fiz?!

POLICIAL

- De onde tu tá vindo?

COUTINHO

- Da minha casa, ali!

POLICIAL (dentro do carro)

- Vamos logo.

Coutinho é jogado para dentro da viatura.

8.INT. – DELEGACIA – MANHÃ

Coutinho cai sentado na cadeira dando continuidade de cena de quando sentou no banco da viatura, um policial destranca uma das algemas e o prende em uma cadeira fixa da delegacia.

COUTINHO

- Hahahahaha! Não estava esperando por esse passeio hoje.

POLICIAL

- Calado!

9.INT. – DELEGACIA – MEIO DIA

Um relógio de parede apontando 12 horas.

10.INT. – DELEGACIA – TARDE

Timelapse da movimentação dentro da delegacia, policiais saem e entram, conversam como se Coutinho não estivesse na cena, o relógio se movimenta e o timelapse só para quando o ponteiro aponta para uma e meia da tarde.

11.INT. – DELEGACIA – TARDE

Entra um policial acompanhado de uma mulher, o policial aponta o dedo indicador para Coutinho.

POLICIAL

- É esse aí?

MULHER (provavelmente testemunha ocular de um crime)

- Não é não, era outro.

COUTINHO

- Agora já posso ir pra casa?

O policial olha para os lados, outro policial acompanha a mulher para outra sala.

POLICIAL

- Alguém viu a chave da algema?

COUTINHO

- Hahaha! É brincadeira né?

12.INT. – DELEGACIA – TARDE

Os policiais saem da sala e começa outro timelapse que mostra a sombra de Coutinho trocando de posição na cadeira diversas vezes até que o timelapse para quando a sombra de um policial encobre a dele ao entrar na sala.

POLICIAL

- Está aqui.

13.INT. – DELEGACIA – TARDE

O policial destranca a algema que prende Coutinho, Coutinho se levanta lentamente.

COUTINHO

- Ai ai... que dia.

POLICIAL

- Pode ir embora.

14.EXT. – DELEGACIA – TARDE

Coutinho se afasta da delegacia, olha para trás e grita.

COUTINHO

- Nem pra me levar embora os filhos da puta!

15.EXT. – CASA DE PETRA – TARDE

Coutinho tenta desviar novamente de uma poça de lama que fica em frente de casa, mas não tem sucesso e suja o outro pé.

Fade out/fade in

16.INT. – CASA DE PETRA - VARANDA - MANHÃ

COUTINHO

- Eu to processando o estado por causa disso, mas até agora não veio nada, nenhum papel, nada.

PETRA (Fala para Ridlav e Luana)

- O assassino tava usando um moletom vermelho e uma calça camuflada, por isso levaram ele.

COUTINHO

- E eu ia por o moletom vermelho aquele dia! Não sei porquê não pus, mas ainda bem que não pus. Se tivesse posto eu tava preso até hoje.

Violência endereçada

Kyrlia Dornelles Mendonça

Salete¹ mora com dez pessoas, incluindo a sua mãe e seus oito filhos, entre biológicos e um adotivo, que reside junto por não se dar bem com a sua família de origem. Ela é moradora do bairro Harmonia há mais de 20 anos, um bairro que é conhecido na cidade pela sua violência:

[...] os da antiga foram mortos, foram presos ou já tão, sabe? Os mais... Mas agora, não vou dizer que melhorou 100% sabe, não vou dizer, mas o jeito que era antes ih... porque aqui era um campo, aí quando nós morava pro lado de lá e aí tinha os de cá não se davam com os de lá e os de lá não se davam com os daqui, eles se enxergavam e eles se tirotiavam...

Dentro de casa Salete também sofreu violência desde cedo. Do pai com sua mãe, ela conta que “o pai judiava e judiava dela”. E mais tarde, com namorados sofreu violência física: “aconteceu, mas aconteceu há muito tempo. Mas eu fui e dei parte, dei parte e tudo, só que quando veio os papel, não no caso o pai dos guri né, daí quando veio os papel ele já tava morto, já tinham matado ele lá em Porto Alegre”.

Salete também já cumpriu regime fechado no presídio, e Serginho², pai das crianças, ficou em regime fechado na CASE³ e depois no presídio. Além do mais, o avô (sogro de Salete) foi morto em uma briga de bar, e o pai dos meninos, que já tinha passado pela rede de aprisionamento, no outro dia, matou quem matou o seu pai.

Aham, matou sabe. Tu vê, a gente enterrou o pai dele hoje, foi lá e matou [...] só foi no velório, ele nem foi no sepultamento, ele matou o cara, na hora, o cara na frente do bar assim e

1 Nome fictício.

2 Nome fictício.

3 Centro de Atendimento Socioeducativo.

ele chegou. [...] O cara também, era presidiário [...] era estuprador e coisarada, como diz o ditado: não perdeu nada. [...] Ai depois, tava lá em Ijuí, daí... dia 6 de outubro, fez 5 ano, daí nós tava em casa e um vizinho ligou e disse: [...] ‘bá mataram o Serginho² lá no lago’.”

Os filhos mais velhos Daniel⁴ e Danilo⁵, também cumpriram regime fechado na CASE e medidas socioeducativas no CEDEDICA⁶. É fato que a relação com a justiça é transgeracional na família, Salete conta que, quando o seu companheiro, pai dos seus três primeiros filhos estava na CASE, os meninos ainda eram muito pequenos mas acompanhavam as visitas. “Teve uns monitor que chegaram, tavam de férias, chegavam, iam final de semana pra ir lá ver o Daniel” - que tinha na época entre um e dois anos. Adolescente, Daniel foi o primeiro a repetir os passos dos pais, tendo sido pego furtando no centro da cidade. Danilo, também na adolescência estava numa boca quando a polícia fez a abordagem “e ele caiu” (no sistema socioeducativo). O terceiro filho, mais velho, teve o mesmo destino. E ainda, a filha do segundo casamento também tem uma passagem pelo CEDEDICA, mas por estar fora da escola. A repetição de uma “vida do crime” seguindo a linhagem paterna aparece na fala do agente da CASE quando diz: ‘meu Deus guri, eu troquei tua fralda e agora tu aqui’.

Deixo um verso da letra de música do grupo Racionais MC's - Diário de um detento para reflexão.

Cada detento uma mãe, uma crença
Cada crime uma sentença
Cada sentença um motivo, uma história de lágrima
Sangue, vidas e glórias, abandono, miséria, ódio
Sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo
Misture bem essa química e pronto
Eis um novo detento

4 Nome fictício.

5 Nome fictício.

6 Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente.

Quem é o real herói para a comunidade?

Kyrlia Dornelles Mendonça

A pesar de toda violência que Eva* presenciou e viveu durante toda a sua vida, ela disse que não levanta a mão para bater nos seus filhos, e fica brava quando a polícia bate neles sem motivo aparente.

“Daí por isso que...eu sou bem sincera: eu não gosto deles [...] porque às vezes a gente cria um filho, não dá um tapa, daí eles dão ali. Sem contar que às vezes a humilhação [...] no meio de todo mundo eles se acham de chegar [...] já dando-lhe pau, fazendo e acontecendo. [...] Às vezes só assim, numa revista assim, revistar tudo bem, mas daí eles já chegam e não tão nem aí. Às vezes de madrugada, que aconteceu que o meu sobrinho tava aqui, aqui na frente, eles já chegaram e já...daí eu desci, daí eu fui ali, eu peguei e botei a boca neles. Daí eles disseram que iam levar meu guri pra delegacia ‘Ah, mas vocês têm alguma coisa?’ ‘Não tem’ ‘então’, já peguei ele e já fui pra dentro de casa.”

Muitas vezes os que apanham da polícia são menores de idade ou algum dependente químico, principalmente usuários de crack, que a comunidade designa como “pedreiros” que estão exercendo seu direito de andar pelas vias públicas da cidade. “Esses coitados desses pedreiros aí que eles pegam às vezes de madrugada, já tão morrendo por causa da droga né? Ei, eles pegam esses coitados e eles desmontam a pau. [...] Às vezes eles jogam dentro daquele rio que tu passou ali...”

“Eles (a polícia) não podem verem os gurus, mas assim sem fazer nada sabe? Os gurus tão parados na frente e eu to no centro, eles pegam, eles fazem passar vergonha, humilhação, sabe? Eles dão, dão, eles chegam já dando-lhe pau. Esses dias meu sobrinho tava aqui ó, eles chegaram, pegaram o guri, chutaram o guri e algemaram o guri, deram no guri algemado. [...] Eles não podem verem qualquer um desses gurus aqui que

eles conhecem já né, eles sabem que ou puxaram a FEBEM ou coisa, eles dão-lhe pau mesmo. [...] Duma vez que pegaram o meu, esse, o Arthur*... e daí lá na... pegaram ele e deram-lhe pau nele, daí ele desmaiou e tudo, eu entrei com um processo contra um policial. [...] Daí tive a medida protetiva, pedi medida protetiva pra ele. E ele, não adianta, esse policial ele não adianta, ele encontra os guris...qualquer um, qualquer um. E se eles puxam a ficha dos meus guris no caso e vejam o nome do pai deles já é o suficiente pra eles agredirem eles.”

Eva fala sobre essa questão da violência policial e o quanto isso afeta os jovens moradores, que já se criam, muitas vezes, com raiva de quem deveria cuidar e zelar pela segurança pública: “Daí eu penso assim ó: através da violência, eles não vai melhorar com a violência, isso é certo. [...] daí gera mais violência. [...] Os guris vão ficar mais... vão ficar mais revoltado, vão ficar mais agressivos”. E também que, muitas das vezes que acontecem as agressões, os meninos estão indo pra casa ou na frente da residência.

“Pegaram os guri daí eu até fui ali porque o guri tava algemado [...] daí eu disse ‘tá tu vai quebra a coluna do guri ou o que tu vai fazer?’ daí ele disse aí não sei o que daí eu disse ‘o guri já tá algemado, que que tu quer?’ daí eu disse ‘tem a tal lei, depois que tu algema tu não pode bater’ e ele ficou...”

“Ele tava vindo do colégio e daí ali ó, entrou aqui na vila [...] eles pegaram o guri, deram, deram-lhe pau no guri, jogaram o guri pra cima da camionete e deram no guri e o guri tava vindo do colégio! [...] E daí eu peguei ele e disse ‘vamo lá na delegacia dar parte, vamo lá, eu digo tem prova que tava no colégio, ligam pro colégio né...’. Daí ele não quis, ele não quis dar porque depois se chamam eles lá daí eles pegam, daí eles são capaz de fazer coisa pior daí.”

E os moradores não sofrem preconceito só por parte da polícia, o restante da cidade também secciona e exclui os moradores por meios de violências subjetivas e não dando oportunidades para que os moradores consigam se sustentar, o que na minha opinião, já direciona-os para a vida criminal. “É, o Tiago* [...] depois que saiu dali (CASE) não sei quantos currículo ele já largou. Até lá no CEDEDICA e no Semi(liberdade) largaram pra ele, sabe. Aí depois que olham a ficha: Não, não tem”. Mas também em outros âmbitos,

Eva conta que chegava a falar baixo o bairro onde mora “...olha pra falar bem a verdade quando eu ia consultar cas criança nos outros bairro assim, que ainda não tinha posto aqui, eles perguntavam o nome do bairro eu chegava falar baixo, chegava falar baixo.”

Em contraponto com a violência policial, há uma certa “proteção” dos donos de “bocas de fumo”, que muitas vezes estão inseridos em facções. No dia das crianças, de dentro do presídio, um morador que é dono de uma “biqueira”, mandou recursos e pediu que os moradores organizassem uma festa com brinquedos para as crianças na rua.

“Aqui teve agora Dia das crianças - Que fecharam a rua né?
- Foi ali na minha sobrinha, na minha sobrinha. [...] Tudo através do cara que mandou até fazer vídeo pra mandar pra ele lá tudo, pra ele dar presente, pra ele ver né assim [...] encheu de criança [...] tinha pula pula, tinha brinquedo de encher.”

E nisso, deixo aqui ao fim uma música do Trapper Borges “Lei Áurea”, onde o carioca reflete sobre as violências vivenciadas pelos moradores das favelas do Rio de Janeiro, mas que também se enquadra com o que falamos aqui, da violência vivida pelos moradores dos nossos bairros periféricos, em especial o Bairro Harmonia, de uma cidade de 76 mil habitantes, no interior do Rio Grande do Sul.

Alguém me acorda desse pesadelo
111 tiros acertam um preto
Menor jogado com corpo no beco
Nossa pele faz nós já nascer suspeito

Ágatha, Duda, Kauan, João Pedro
E dizem que só quem morre é traficante
Guerra licenciada pelo Estado
Favela alimenta sua fome de sangue

Durmo sem saber se vou acordar
Recuar no morro, nunca foi marcar
Tentam impedir a gente de sonhar
Quem não conhece, o que sobra é julgar

Explica que o herói é quem mata
E o vilão é quem te deu chuteira
Perde seu pai em meio a oitenta tiros
Cresce na sombra de uma mãe solteira

Olhos de ódio reluzem saudade
Lei Áurea liberta, não traz igualdade
Casa que habitava felicidade
Hoje só resta frieza e maldade

Não acredito em conto de fardas
Não acredito em conto de fadas
Vingança hoje é sobreviver
A paz aqui já não vale de nada

Genocídio, homicídio
Mais morador que bandido
Muitas famílias chorando
Sempre falam que é envolvido
Genocídio, homicídio
Mais morador que bandido
Muitas famílias chorando
Sempre falam que é engano
(A chapa esquentou)

Só que o moleque não tem nada a ver
Só que não tem pra onde ele correr
Bom dia de hoje é tapa na cara
Mais um dia pra sua família sofrer

Quem disse que a escravidão acabou?
Quem disse que o mundo vai mudar?
Quem disse que o boy quer ver nós no topo?
Quem disse que nós temos que te agradar?

Mais um pro Estado e menos um do nosso
Meu povo clama e pede justiça
Rio de Jane pior que a Síria
Canto o que vejo, não é apologia

Genocídio, homicídio
Mais morador que bandido
Muitas famílias chorando
Sempre falam que é envolvido
Genocídio, homicídio
Mais morador que bandido
Muitas famílias chorando
Sempre falam que é envolvido

Da lavoura à cidade

Isadora Ferrazza Dal-Ross

Antes de mudar-se para Santo Ângelo nos anos 1980, Seu Gabriel vivia em São Miguel das Missões, trabalhando como peão desde os oito anos de idade. Após o falecimento de seu pai, ele trabalhou com criação de gado e plantação na lavoura: plantava milho, feijão, rama de mandioca e trigo. Como sua mãe era muito pobre, Seu Gabriel morou de agregado na casa dos patrões, mas precisava plantar para ter seu próprio alimento: *“Não existia nada pra comprar. A gente passava fome, comendo esses almeirão da lavoura”*.

Se criou “de pé no chão” até os dezoito anos, visto que não havia calçado e nem casaco para passar o tremendo inverno:

Mas a gente passou aquilo por um esquecimento até, até passei por um esquecimento. Porque eu não sei como é que pôde [...] que a gente pôde passar aquele rigor. Geada! Geada, uma alcançava a outra, tinha lugar que uma geada pegava [...] alcançava a outra, costa de rio, costa de mato. Naquele tempo não existia [...] era só mato e campo, era só mato e campo, não existia lavoura não! Plantava, a gente plantava mas era pouco, pouco plantava.

Após esse período, Seu Gabriel ocupou-se por dois anos em uma granja de arroz, acampado no mato, sem abrigo do frio e da chuva. Trocou de patrão, no qual trabalhou durante anos e conseguiu juntar dinheiro para comprar roupa e calçado, bem como um cavalo, que ele próprio ensinou. Antes do cavalo, Seu Gabriel pegava o ônibus para a cidade com muita dificuldade. Como não existiam recursos em São Miguel e nos locais próximos, somente em Santo Ângelo, acordava quatro horas da manhã e caminhava até a parada mais próxima, atravessando um rio que havia no meio do caminho, pois na época não havia ponte construída. Mesmo com o frio, ele percorria o rio, levando o calçado na mão.

Enquanto solteiro, Seu Gabriel não tinha residência fixa, permanecia nas casas dos patrões. Ele trabalhou em muitas casas alheias, dormindo em galpões e fazendo fogo no chão para se aquecer. Quando surgiram as máquinas agrícolas, poucos tinham poder aquisitivo para adquiri-las: *“Daí tinha que ficar esperando, pra que quem tivesse máquina fosse colher as plantações. Daí as vez demorava tanto que apodrecia tudo”*. Dessa forma, as plantações eram trilhadas com cavalos. *“Só a soja era com a trilhadeira, mas não tinha trilhadeira pra ir também, tinha um só pra trilhar pra todo mundo”*.

Certa vez, recebeu conselhos de um velho homem, dizendo para se mudar e ir morar na cidade, pois em Santo Ângelo havia pessoas do bem, hospitais próximos e recursos: *“Até aqui em Santo Ângelo [...] os homem são bão, porque muita gente não tem nada, mas eles garram e dão as coisas, né. Garram e dão remédio, essas coisarada, hospital, coisarada, aqui tem”*. Assim, Seu Gabriel trocou um hectare de terra que tinha por uma casa no bairro São Pedro em Santo Ângelo. Mudou-se no período em que os grandes proprietários começaram a comprar as terras para plantio:

Depois entrou as granjas, daí pegaram as terras que entrava trator e terra fácil, pegaram tudo. Daí ficou só aquelas terra de pedra, terra braba, terra de pedra pra trabalhar. E tinha que trabalhar o ano inteiro e dá [...] colhendo fim do ano e dar metade pro patrão, tem que dar metade pro patrão, né. Aí... foi se apocando [...].

Ao chegar em Santo Ângelo, logo conseguiu um emprego e começou a trabalhar na Fundimisa. Diz nunca ter lhe faltado oportunidades na cidade, em virtude de sua força de vontade para o trabalho. Contudo, Seu Gabriel não permaneceu por muito tempo na Fundimisa. Trabalhou em muitas firmas, como no Bassani e na Mecânica Ritter. Sabia fazer de tudo um pouco, considerando que aprender foi uma necessidade para continuar se mantendo.

Atualmente, Seu Gabriel tem onze filhos, a maioria em Santo Ângelo. Um deles reside em Porto Alegre e um em Novo Hamburgo, enquanto outro mora no interior. Ao conhecer a mãe

de seus filhos, Seu Gabriel mudou-se para o bairro Harmonia, mas não permaneceu por lá:

Eu me separemo com a mulher casada há mais de vinte anos, eu saí só com a roupa do corpo, deixei a casa, deixei tudo, saí com a roupa do corpo. Passei mal esse tempo, passei mal, andei doente, sabe? Andei doente uns tempo, passei mal, aí eu não tinha casa [...] parando nas casa alheia [...].

Seu Gabriel tem um braço arrancado fora do lugar, o qual foi feita uma perícia, demorando cerca de seis anos para receber o dinheiro. Foi custoso para se aposentar, teve que retornar a São Miguel para fazê-lo. Após receber o dinheiro da perícia, conseguiu comprar outra casa, mas logo a trocou pela atual casa no bairro União: *“A Harmonia era um lugar brabo antigamente pra morar [...] Muito perigoso, muito perigoso... Agora não tá tanto. [...] Era assalto, eles atiravam pedra, atiravam pedra, assalto... Arrombavam a casa pra roubar, mas tinha de tudo. Eu era sozinho”*.

Em seus dezessete anos morando no bairro União, Seu Gabriel não sofreu problemas e sente-se muito tranquilo em sua residência. Ele se denomina como muito religioso, e diz nunca ter corrido atrás de conflitos. Além disso, é humilde e ajuda as pessoas sempre que consegue: *“E graças a Deus nunca dei queixa pra ninguém, e quero que Deus, o dia que Deus me levar, eu não quero dar queixa pra ninguém. É, graças a Deus”*.

Seu Gabriel acompanhou a evolução do bairro União:

Quando eu vim pra cá, esse terreno [...] esse bairro aqui que eu moro aqui, esse bairro aqui pra cá, não era de ninguém esse bairro aqui, era do governo a terra, era do governo. Aqui não eram [...] ninguém era dono, era do governo. E o governo não tinha dado ainda pro pessoal, o governo não tinha dado, o prefeito que tinha aí, tinha botado pra despejo, pra despejar o pessoal.

Depois de certo período, o prefeito referido encerrou seu mandato e outro assumiu no lugar. Este, por sua vez, fez um acordo com o governo para que a área se tornasse pertencente ao município, prometendo colocar água e luz no bairro. Seu Gabriel conta que os moradores conseguiam água através de uma mangueira vinda da

Ceasa, e cada um enchia seu próprio balde. Antes da instalação dos postes de luz, os moradores utilizavam velas para iluminar suas casas durante a noite. Há, ainda hoje, uma área nova avançada no bairro que não possui água e luz próprias.

Seu Gabriel mora atualmente com uma das filhas, que residia em Porto Alegre, mas voltou para Santo Ângelo com os dois filhos quando separou-se do marido. Ao voltar, Seu Gabriel pediu para que ela fosse morar junto com ele. Logo que sua filha conseguiu um emprego, foi construindo peças no fundo da casa de seu pai, para que ela e as crianças pudessem ficar por perto. Seu Gabriel a considera uma grande companheira, uma pessoa para lhe fazer companhia quando está em casa, além dos netos, hoje em dia com quinze e nove anos.

Escrevendo sobre a história do outro

Luana Retzlaff Willig

Enquanto pensava no que dizer sobre as histórias, veio-me o documentário “Jogo de Cena” (2007) em mente, um dos vários que assisti no grupo de pesquisa durante o último ano, enquanto estudávamos o formato dos testemunhos. O documentário apresenta mulheres contando histórias de suas vidas, e atrizes que interpretam a mesma história, algumas vezes é difícil identificar quem é a personagem “real” e quem está interpretando, já que algumas atrizes não são conhecidas. Fernanda Torres já era conhecida dos meus olhos, portanto sabia que ela era a atriz. Enquanto interpreta, Fernanda faz várias pausas, em uma delas diz: “Que loucura, que dificuldade que eu tô passando!” (Jogo de Cena, 2007). Essa fala e o cenário dela pode muito bem representar meus dias pensando de que forma contar a história dos moradores, acrescentando-se algumas crises de choro e fugas para fazer qualquer outra coisa que não fosse a escrita das histórias, tamanha angústia que senti do receio de não conseguir narrar tudo o que me foi transmitido através das entrevistas.

Identifico-me com a Fernanda Torres em “Jogo de Cena”, que fala da dificuldade de interpretar um personagem real e completo, em contraste com a interpretação de um personagem fictício:

A diferença é que com um personagem fictício, se você atinge um nível medíocre você pode até ficar ali nele, porque ele é da sua medida. Com um personagem real, a realidade um pouco esfrega na sua cara onde você poderia estar e você não chegou. [...] É alguém acabado na sua frente, o outro é em processo. E em outras vezes, fazendo ficção, fazendo um personagem que não existe, você atinge um grau de realidade que aquela pessoa existe (Jogo de Cena, 2007, 1h32min02s).

Preocupe-me em não conseguir abranger toda a extensão das histórias que me foram contadas, pois narrar a história de uma pessoa real foi um desafio. Tive de me lembrar algumas vezes que quem for ler não terá as mesmas impressões que eu, pois fui eu quem escutou o morador contar a sua história, conheceu-o, entrou em sua casa, conheceu sua família, tomou chimarrão e conversou durante horas. Mesmo tentando me retirar ao máximo da escrita para não “contaminar” a história, continuo sendo eu quem a escrevi, escolhi ordem das palavras, a ordem da história e a forma de contar, mas quando leio as transcrições e as histórias já montadas, é com a voz da pessoa que me contou. Seria eu, como narradora, também um personagem, portanto? Deixo aqui essa exposição de alguns devaneios dos momentos de angústia relativos a escrita dos testemunhos.

Procurei escrever os testemunhos de forma a ressaltar algumas características das pessoas que entrevistei, focando em cenários de suas histórias. Espero tê-los feito de forma satisfatória para os donos das experiências vividas. Agradeço à todos os moradores que participaram da pesquisa por compartilharem suas histórias de vida, expondo suas vulnerabilidades, que não se restringem à social, pois quando nos dispomos a contar sobre nós mesmos mostramos muito além da casca.

Escrita sobre a pesquisa

Gabriel Aguiar Castanho

Passaram-se alguns meses desde que encerrei minhas atividades como bolsista na pesquisa “O que resta das marcas após o testemunho?”, pois acebi me formando bem no meio desta. Porém, essa experiência me deixou marcas que são importantes de serem ditas.

A bolsa (incentivo financeiro) tinha acabado, ainda assim, continuei como bolsista voluntário por mais meio ano. Por quê? Me ocorreu uma fala de Calligaris (2021, p.19) –psicanalista italiano que adotou o Brasil como morada –, da qual me identifico. Como ele escreveu, tenho “desde sempre uma simpatia (senão uma atração) pelas sarjetas do mundo”. Sarjeta na língua portuguesa possui dois significados: 1. escoadouro para as águas das chuvas que, nas ruas e praças, beira o meio-fio das calçadas; valeta. E 2. sentido figurado: lodo; condição ignominiosa de decadência e humilhação; estado de indignação. Assim como são rotuladas algumas populações que vivem em zonas periféricas. São vistas como se estivessem nas margens, em um lugar de escória, na sarjeta da sociedade.

Essa questão da população que vive nas margens da sociedade, associa-se ao que Rosa e Poli (2009) abordam no artigo “Experiência e linguagem como estratégias de resistência”, onde descrevem sobre o contexto em que vivem alguns sujeitos na contemporaneidade, de se encontrarem como proscritos (excluídos, exilados etc.), situando-se em um não-lugar em relação ao seu semelhante.

Desse modo, aprecio recolher estes restos, restos de histórias e testemunhos de vidas que antes nunca seriam reconhecidas pela sociedade, salvaguardando-as, assim, como uma espécie de memória, as colocando em um lugar de reconhecimento. Essa coisa das margens me interessa também devido a meu trabalho de

conclusão de curso, pelo qual foi desenvolvido com pessoas em situação de rua. Por meio disso, passei a dar uma atenção maior a essas pessoas e a seus dizeres sobre si próprio e sobre suas vidas.

Recordo-me de uma das primeiras visitas em que fomos, eu e minha colega de bolsa Lara, ao bairro Harmonia/União. Éramos dois estudantes adentrando na “periferia” da cidade onde morávamos. Para os que lá vivem, talvez, éramos dois estranhos ou mesmo pessoas “do lado de lá” da cidade.

Lara estava um pouco apreensiva (tanto que pediu para que eu ficasse com seu celular pelo medo de ser assaltada) pois nunca havia visitado tal bairro antes. Também por conta dos dizeres populares de ser um bairro perigoso. No meu caso, estava até que tranquilo, tendo em vista que já havia tido experiência em bairros periféricos antes, pois durante a graduação, realizei estágio no CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social) onde efetuávamos visitas domiciliares em bairros dessa região. Da mesma forma, queria passar tranquilidade para minha colega.

Estávamos atravessando uma ponte em construção, não havia como entrar qualquer automóvel ou pessoa no bairro, exceto se fosse a pé. Havia dois sujeitos (mais tarde, descobrimos que eram “olheiros”) à espreita, próximos a ponte, olharam para nossa direção. Intimidou-nos um pouco. Porém, isso não nos impediu de seguir nosso caminho a primeira visita daquele dia.

Lembro-me até hoje, uma “senhorinha” nos recebendo com um sorriso no rosto e com um “podem entrar”. E a partir daquele dia, passamos a recolher novos testemunhos ou mesmo conhecer histórias que bolsistas anteriores já haviam recolhido. Porém, como bem sabemos, não se pode repetir/contar uma história como da primeira vez em que foi contada, embora haja os mesmos elementos do primeiro relato, sua narrativa tende a mudar. Isso que me fascina no ato de testemunhar. Participar desta pesquisa me proporcionou tal feito, recolher novos/antigos testemunhos. Me proporcionou escutar histórias de vida que não encontraria em outro lugar senão ali, naquele bairro, por aquelas pessoas. De certa forma, sinto-me

privilegiado, nem que de forma singela, ter sido testemunha de suas histórias, ainda que brevemente.

Dito isso, cabe trazer aqui uma questão que Márcio Seligmann-Silva (2000) – professor, tradutor, teórico e crítico literário – aborda em seu texto “A história como trauma”, onde elabora reflexões sobre o ato de testemunhar. Diante das histórias (re)contadas pelos participantes dessa pesquisa pela qual elaborou-se esse livro, questiono-me, como dar testemunho de algo que excede nossa representação? Como narrar uma vivência que excede nossa forma de representar e que também não é nossa?

Buscando responder as questões anteriores, assim como, procurando finalizar esse breve texto sobre meu relato de experiência como bolsista da pesquisa “O que resta das marcas após o testemunho?”, concebo que testemunhar é testemunhar restos. Restos de histórias, pedaços pequenos, que talvez sejam possíveis de narrar. Ou seja, trata-se de algo que deve ser posto em palavras, mas que nunca poderá sê-lo de fato. Levando em consideração que quem as narra aqui não é quem as vivenciou verdadeiramente. Servimo-nos apenas como porta-vozes, possibilitando assim, que essas pessoas sejam reconhecidas como sujeito de suas próprias histórias.

Referências

CALLIGARIS, C. **Cartas a um jovem terapeuta: reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2021.

ROSA, M. D.; POLI, M. C. Experiência e linguagem como estratégias de resistência. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, p. 5-12, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/r49SnmpdbGfLtnK56DqznHB/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 23 ago. 2023.

SILVA, M. S. História como trauma. In: NESTROVSKI, A.; SILVA, M. S. (Orgs). **Catástrofe e representação: ensaios**. São Paulo: Escuta, 2000.

O que resta das marcas após o testemunho?

1. Testemunho como transmissão e o encontro e a escuta como uma forma de amparar e atravessar o trauma

Mostrar um inferno, lembra Susan Sontag (2003), não significa dizer algo sobre como retirar as pessoas do inferno. Contudo, esboçar minimamente o seu contorno e apontar o dedo em sua direção nos dão minimamente a esperança de conhecer um pouco mais sobre seus mecanismos de funcionamento, abrindo espaços possíveis para a revolta. O que é mais terrível no inferno é não ser escutado. (MONTERO, SOUSA, 2018, p. 179).

“Por uma gramática dos rastros – restos e criação”
– artigo escrito pelo Edson Sousa e pelo Rodrigo Monteiro”

2018 – 2020 – Experiência e linguagem como estratégia de resistência

Na coleta dos testemunhos na primeira pesquisa, Rosa conta um segredo, um evento traumático em sua vida entre várias histórias, e os bolsistas não conseguem escrever essa história, fica de fora do livro;

2022-2023 - O que resta das marcas após o testemunho

Na segunda pesquisa, após o período pandêmico, retornamos ao campo de pesquisa, para conversar com os participantes que narraram suas histórias. Geralmente os bolsistas vão sozinhos nas entrevistas, mas nas primeiras duas entrevistas eu, professora

responsável, quis ir junto.

Rosa conta pela segunda vez o evento traumático e pergunto se ela gostaria que essa história fosse contada, num primeiro momento ela não sabe.

Num segundo momento pede que eu escreva, mas sem o compromisso de ser publicada;

Num terceiro momento, diante do texto escrito decide publicá-lo.

1.1 Sobre as feridas e o seu tempo, palavras colhidas com cuidado

Leio o testemunho de Helena Dória Lucas de Oliveira, que se encontra no livro: *Porque uma clínica do testemunho? Clínicas do Testemunho RS e SC*, publicado em 2018 pela appoa, Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Ali ela narra a prisão de seu pai, professor de história em 1971, o que sabe sobre os 21 dias que ele passou preso e as torturas que ele sofreu. Seu exílio com a mãe e os irmãos em três países onde morou ao longo de 10 anos e a volta ao Brasil. No momento final do seu testemunho ela diz: *“Fazer parte do projeto clínicas do testemunho ajuda-me a identificar quais marcas ficaram da prisão de meu pai, da vigilância ostensiva da minha casa, das situações de perigo passadas no Chile, da perda de meu irmão, do afastamento do local onde foi sepultado, desse sai de um país vai para outro, das inúmeras interrupções escolares e recomeços de vida,”* (2018, p.29). Ao final do seu texto, eu choro. Como processar os excessos vivenciados aos 7 anos? Seu texto oferece marcações: ‘agosto de 1971, a aula de meu pai ficou inacabada. E uma turma ficou sem professor’ (Brasil). ‘Setembro de 1973, não pude ir a escola, estávamos vivendo um Golpe Militar. Naquele ano não voltei mais a escola. Uma turma e uma professora ficaram sem uma aluna (Chile). ‘Janeiro de 1974, em Cuba, uma professora ganhou mais uma aluna em sua turma. Terminei minha terceira série, após 5 ou 6 meses sem frequentar a escola”.

A construção da narrativa permite operar registros que organizam as feridas e as marcas. Narração construída após o projeto Clínicas do Testemunho, onde alguém se colocou de na posição de escutar o impossível de ouvir. Narrar o trauma, escutar o trauma, registrar. Fazer memória.

Rosa foi o nome da personagem que nasceu junto com seus espinhos na narrativa. Neste livro contém mais de uma história dessa mulher, mas apenas numa lhe dei o nome de Rosa. Ela compartilhou conosco um segredo, e somente com a pesquisa *O que resta das marcas após o testemunho*, que o assunto retornou, o segredo tinha ficado de fora do livro. Penso que o que marcou a mim e a Rosa, foi esse não-dito, ou melhor, não escrito. Algumas violências cavam mais fundo suas raízes na terra. Ao irmos na sua casa ler as histórias escritas para o livro, o segredo retorna e então, coloquei a difícil pergunta: você quer que eu escreva essa história?

Ela quis, e eu escrevi, com um pouco de medo das palavras. Nomear uma violência, sem violentar outra vez, ao invés disso, oferecer cuidado, é possível?

Rosa e os Espinhos

Rosa nos recebe com sorriso aberto, já faz pelo menos três anos que foi entrevistada pelos bolsistas da pesquisa anterior. Retornamos para pegar seu consentimento, ler seu perfil e perguntar se gosta, se consegue se ver nas histórias narradas por Roberto, ainda antes da pandemia.

Rosa é delicada, é tarde de sábado e está calor, ela nos oferece copos d'água e cadeiras numa sombra que acolhe. Além desse pátio sereno há filhotes de gatos, uma ninhada no seu colo que depois passam a escalar nossas pernas até se acomodarem nos nossos colos. Estou acompanhada de dois novos bolsistas. Quando reparamos, todos temos gatos aninhados nos nossos colos.

Lara senta mais perto de Rosa que está sentada na rede, narra a história para ela. Pausas. Rosa se emociona, escorrem

algumas lágrimas. “É a história da gente né, não dá pra acreditar, mas foi assim mesmo como ele narrou que aconteceu”. Ela retoma a narração da história contada, ou melhor reconta e diz que não precisa mudar nada, que gosta de como foi escrito.

Ela reflete sobre tudo o que se passou. Silêncios e pausas no seu discurso, que representam as lembranças de seu passado. Há um ponto, porém, que ela retoma e que não foi contado por Roberto. Explico: houve uma escolha por não contar, para que certos espinhos que fazem parte da história de Rosa não viessem a maltratar pessoas próximas e que lhe são caras. Ficamos receosos e não sabíamos qual era o desejo de Rosa a respeito dessa parte. Rosa reflete, ela nos conta esses detalhes difíceis que a vida traçou, dos caminhos que percorreu por causa deles, dos colapsos que enfrentou. Cair e reerguer do chão, mais de uma vez, como a Fenix, ave mitológica que renasce depois de morrer. Primeiro Rosa não sabe bem o que fazer com isso. Também não sabemos nós o que ela gostaria de fazer com isso. Há uma gravidade que a história guarda, e entramos junto com Rosa com muito cuidado, nesse lugar, tão doloroso que carece de amparo. São algumas feridas que Rosa carrega consigo, e que apesar de tudo, *tudo*, lembrar parece lhe fortalecer.

Primeiro ensaio:

Rosa era ainda uma menina cujo corpo começou a dar sinais de puberdade, e um dia, na hora do banho, numa casa de madeira cheia de frestas percebeu que estava sendo observada pelo padrasto. A cena da violência não foi narrada, tinha onze anos quando aconteceu. A mãe não acreditou e sentiu-se mesmo, ofendida, como se aquele corpo ainda demasiado infantil pudesse ter roubado algo que era seu. A pequena comunidade de Rosa era religiosa, e foi levado ao pastor e ao rebanho¹, mas ninguém ali soube proteger Rosa.

Sem saída,

1 Rebanho se refere aos fiéis da igreja da qual Rosa frequentava.

Rosa inventou uma saída para si. Entre idas e vindas nas casas que lhe acolheram (uma tia e uma patroa), Rosa não voltou mais para casa por alguns anos. E a mãe não deixou o agressor, que seguiu impune. Elas moram hoje bem próximas uma da outra, mas não falam sobre isso.

Alguns anos se passaram e Rosa conheceu o primeiro namorado, já tinha 18 anos. Mas, quando foi iniciar sua vida amorosa, caiu num abismo. Não tinha mais chão. Uma espécie de loucura alucinada tomou conta do corpo de Rosa, e agonia. Foi um período difícil, depressão. Até teve que voltar para a casa da mãe por um tempo e ver o agressor lá. Mais tarde, Rosa foi embora para a capital, e viveu não sabe muito bem como, mas com uma dor incomunicável no peito. Foi com o atual marido e com Deus que Rosa encontrou forças, alento. E quando viveu uma experiência parecida, dessa vez com a filha de um ex-namorado, Rosa soube protegê-la. Se orgulha disso. Fez pela menina o que não tinham feito por ela.

Apesar de não ter sido cuidada, Rosa soube cuidar e romper com um ciclo terrivelmente antigo de mulheres violentadas geração após geração, sem socorro. Tenho muito orgulho de Rosa. A sua beleza e sua força feminina. Enfrentou na carne violências seculares que sofrem as mulheres. Teve o corpo violado ainda imaturo. Foi desacreditada pela própria igreja que frequentava e ignorada sua dor, pela própria mãe. Quando chegou na idade de conhecer seu corpo pela sua vontade as marcas invisíveis apareceram e Rosa se sentiu louca, devastada, mergulhada numa dor que parecia infinita. *Apesar de tudo, tudo*, Rosa sobreviveu e conseguiu atravessar esses desertos – “com a ajuda do Papai” (do céu), Rosa frisou.

Andrea Fricke Duarte

Referências

OLIVEIRA, Helena Dória Lucas de. “Testemunho de Helena Dória Lucas de Oliveira”. In: APPOA. **Por que uma clínica do**

testemunho? - Clínicas do Testemunho RS e SC. Porto Alegre: Instituto APPOA, 2018.

MONTERO, Rodrigo; SOUSA, Edson Luiz Andre de. “Por uma gramática dos rastros: restos e criações”. (2018) [Capítulo de livro]. In: APPOA. **Por que uma clínica do testemunho?** - Clínicas do Testemunho RS e SC. Porto Alegre: Instituto APPOA, 2018.

2. Co-autoria de testemunhos

O objetivo da pesquisa era não falar em nome de ninguém, mas obter consentimento, ler junto e se houvesse desejo dos participantes, reescrever os textos. “*O que resta das marcas após o testemunho* traz uma experiência muito particular de estar junto, de refazer caminhos da memória, de compartilhar e construir narrativas e, sobretudo, de sustentar pela escuta sensível, destinos para dores tão antigas” (Trecho retirado da abertura desse livro). Aqui nos deparamos com um pedido de reescrita, e de assinatura:

Vitória ou Superações de Tatiane? A mulher Super (Ações)

A história construída pelos bolsistas da pesquisa anterior tinha por intuito relatar o testemunho de Tatiane, através de um nome fictício a fim de proteger a imagem da voluntária. Portanto, o título de sua história tinha por nome “Vitória e as Vitórias do União”. Esse jogo de palavras, tinha uma finalidade, viabilizar suas vitórias no bairro, considerando que ela era a presidente da Associação de Moradores do Bairro Harmonia, preocupando-se com os terrenos ocupados e mais precários do bairro União, etc. Buscou através de reuniões na Prefeitura, a implementação da rede de esgoto, asfalto, água e luz. Segundo o decorrer de sua história, estava com depressão e procurava participar de projetos sociais para sentir-se ocupada e evitar pensamentos intrusivos. Mas planejava ainda, tornar-se vereadora da cidade, para conseguir mais melhorias para sua comunidade. No final de sua história os bolsistas anteriores escreveram “Desejamos Vitória para a Vitória”.

No decorrer do processo de coautoria, oferecemos a possibilidade do voluntário da pesquisa em escolher o seu nome fictício, ou até mesmo permitir seu nome próprio, remover ou alterar algo. No caso de Tatiane, ela deseja que seu nome próprio seja exposto na sua história. Enquanto fomos lendo sua história, observamos lágrimas pelo seu rosto. A depressão foi um momento muito difícil em sua vida, pois não compreendia suas emoções, pensamentos. Segundo ela, o que a manteve viva foi o objetivo de buscar avanços para seu bairro. Apenas algo lhe incomodou no texto: O nome Vitória associado as vitórias do bairro. Para Tatiane, não ocorreram vitórias em seu bairro, apenas conseguiram o básico, o mínimo, como ter algumas ruas asfaltadas. Após 4 anos da pesquisa anterior, ainda enfrentam as mesmas problemáticas, como a ocupação de moradores em terrenos, esgoto, a precariedade, falta de água e luz. Além disso, quando chove as ruas e casas ficam alagadas. A vulnerabilidade social, exposta também nas questões de tráfico e violência.

Desse modo, estabelece sua coautoria na história. Já que não ocorreram vitórias, houve “superações”. Para Tatiane, foram superações nas quais ainda precisam ser enfrentadas, tanto que seu objetivo de concorrer a vereadora da cidade foi realizado, porém não conseguiu eleger-se. Relata que ao chegar nas casas, as pessoas achavam que ela estava envolvida na campanha política de algum vereador, e quando ela mostrava o seu “santinho”, ficavam surpresos ao ser ela a candidata.

Portanto, o título do seu texto foi modificado, e é denominado “Tatiane e as Super (Ações)”, de acordo com sua coautoria, enquanto o final da história, também modificado tornou-se “Desejamos vitórias nas novas batalhas de Tatiane”, referindo-se a uma ideia de Super Heroína, que enfrenta batalhas e persevera para conseguir progressos para os moradores dos bairros através de exaustivas reuniões, contato com imprensa e presidência do bairro.

3. Testemunho como registro e memória: palavras-vozes que atravessam o tempo

Aqui vivemos uma experiência diferente. Tínhamos a entrevista transcrita da pesquisa anterior, e nenhum texto escrito. Convidei Isadora, a nova bolsista a ler a entrevista e construir o texto, para incluirmos a história de Seu Gabriel no livro. Isadora topou e o perfil do Seu Gabriel saiu. A ele, escolhemos juntos o título *Da lavoura à cidade*. Assim que ouvimos o texto pela primeira vez, não restou dúvidas, era impossível ficar de fora. Sua história traz uma memória do interior do Estado do Rio Grande do Sul, algo de ancestral, e denuncia a dureza de certos caminhos e de certos começos, a labuta e os riscos que trabalhadores enfrentam. Após o testemunho finalizado, procuramos por Seu Gabriel para lermos para ele e pedir seu consentimento, e oferecer a possibilidade de alterar a redação, ou mesmo retirar seu texto, conforme os objetivos da pesquisa. Mas não pudemos encontrá-lo. Seu Gabriel faleceu durante a pandemia de covid 19, e o registro que fizemos de sua história chegou até sua filha. Aqui prestamos testemunho.

Relato de experiência do processo de construção da coautoria do testemunho do seu Gabriel

Recebi o convite para participar como bolsista da pesquisa em janeiro de 2023, estava de férias no interior da minha cidade, com o sinal de internet limitado, quando li a mensagem enviada pela professora Andrea. De imediato senti-me muito feliz, pois esta convocação carregava o significativo do voto de confiança depositado em mim, na época estudante do 5º semestre da graduação em Psicologia. Nunca havia devidamente estudado sobre testemunhos antes, e à medida que fui me inserindo na pesquisa percebi que não seria uma tarefa simples, porque conheceria o verdadeiro sentido de atravessamento. Quando se faz um trabalho envolvendo sujeitos, a fim de escutar, resgatar suas identidades e torná-los autores de suas

próprias histórias, a possibilidade de não se deixar envolver pelos testemunhos é mínima.

A experiência na pesquisa foi categórica para remodelar e abranger o meu olhar sobre o outro, visitar os bairros periféricos configurou-se como uma novidade em particular. De início, havia um não-saber próprio, um desconhecimento acerca da fama dos bairros da cidade, sendo estes reconhecidos pelos roubos, homicídios e tráfico de drogas. Como uma pessoa não residente de Santo Ângelo, percebi que a ignorância pode sim ser uma bênção: ouvia comentários vindos de fora, mas não me transmitiam realmente um receio. Esse ponto considero o mais divergente em comparação às experiências de meus colegas de pesquisa, Gabriel e Lara. A primeira vez que visitei o Bairro Harmonia era como se estivesse conhecendo mais um local comum, porém, foi percorrendo as ruas que o esquecimento social sofrido pela comunidade foi notável, visto que são áreas que carecem de atenção e cuidado.

Da mesma forma que a presença de sujeitos não habitantes dessas áreas recebem olhares de estranheza, os moradores não se sentem autorizados a habitar locais mais centrais, como relatado pela familiar de uma das participantes da pesquisa, a qual demonstrou interesse sobre o campus universitário. Ela nunca o conheceu, apenas o observava com curiosidade do lado de fora. A marginalização sofrida por aqueles que não recebem olhares é imperativa e caracteriza os invisíveis que encontram-se nas bordas sociais. E, se recebem um olhar, este é carregado por preconceitos e pavores. O trabalho realizado na pesquisa foi justamente o de retirada desses “pré-conceitos” por meio do resgate de suas narrativas que, mesmo tendo elementos em comum, são tão próprias e singulares. Por isso, oferecer a coautoria para cada testemunho da pesquisa consistiu na retomada da dimensão política e da dimensão ética da resistência.

É político porque rompe com a opressão carregada pelo próprio pesquisador, aquele que fala e escreve pelo outro. Se tem uma inversão dessa posição: o pesquisador se apresenta como ato de resistência no momento em que recusa colocar o outro no

lugar de “objeto de pesquisa”, se inserindo como um coautor dos testemunhos. Por sua vez, o participante tem a possibilidade de falar e ouvir aquilo que fala, fazendo surgir o testemunho onde há escuta e narração. Pode-se dizer, portanto, que através da relação transferencial os participantes puderam ocupar um outro lugar, um lugar ativo e decisivo na narrativa de suas histórias ímpares, sendo sujeitos da enunciação. A linguagem, por sua vez, também carrega essa dimensão política a partir do momento que possibilita a criação e a simbolização de relatos que passam a ser registrados. Com a simbolização envolvida o sujeito toma outra posição, ele costura o real dessas histórias, e isto tem uma potência de definir o lugar da sua identidade. Testemunhar, portanto, é uma forma de reconstrução da vida (Sousa, 2021).

Para percorrer e adentrar os bairros marginalizados, eu e meus colegas de pesquisa precisávamos estar acompanhados da Agente Comunitária de Saúde local, que nos acompanhou na trajetória. A entrevista com o Seu Gabriel havia sido realizada em 2019, antes da pandemia, por um dos ex-bolsistas da pesquisa anterior. Dessa forma, a minha escrita deste testemunho se deu em três tempos: a leitura da transcrição da entrevista já realizada, a escrita propriamente dita do testemunho e a leitura deste finalizado para Clarinda. É necessário ressaltar que, enquanto li e escrevi a sua história, não sabia que o participante havia falecido. Quando entramos em contato com a Agente, a fim de retornar à casa do Seu Gabriel, foi quando fomos informados de sua perda. No entanto, a Agente orientou que fôssemos visitar a filha do Seu Gabriel, a qual permaneceu morando na casa, e ler o seu testemunho para ela, bem como pedir autorização para a sua publicação.

Escrever o relato testemunhal do Seu Gabriel, uma das vítimas da mais recente catástrofe da saúde a nível mundial, a pandemia da COVID-19, configurou-se como uma tarefa difícil. Considerando o próprio conteúdo do relato carregado de uma significação histórica árdua, marcada pelo trabalho escravo, o qual se entrelaça aos demais relatos, visto que retrata a própria construção, reconstrução e a incessante busca pela superação de

um dos primeiros bairros segregados do município de Santo Ângelo. Lê-lo para a pessoa que mais sente o impacto de sua perda, sua filha Clarinda, também atravessou um tocante mais íntimo. Assim como a escrita do meu próprio testemunho, tive resistência ao escrever o relato do Seu Gabriel, o qual sobrevém o sentimento da falta, uma falta que não pode ser preenchida, porque foi perdida.

O ato testemunhal é justamente isso: a transmissão da perda, inacessível ao próprio orador. Aqui em específico, a perda é representada pelo luto advindo da pandemia, visto que não tivemos a oportunidade de conhecer pessoalmente o Seu Gabriel, nem de ler a ele o seu testemunho. Sousa (2021) propõe três níveis de abordagem do testemunho, o testemunho de sua própria experiência e o testemunho de ser testemunha da experiência de outros, ou seja, quando a experiência externa também nos constitui. Durante a pesquisa tivemos o compromisso de organizar e nomear o inominável da experiência do outro, e ao acolher as narrativas fomos tocados por estas vivências. Houve uma mudança ao saber da impossibilidade de levar a escrita de fato ao Seu Gabriel, isto expôs a concretude de um fim vulnerável, sensível, que abalou a experiência da pesquisa. Foi preciso abrangê-la aos familiares do participante, que também foram tocados pela história.

Mesmo com a transcrição, o testemunho não é totalmente acessível a quem escuta e a quem transmite. Assim, são produzidos efeitos sobre os participantes, tanto àqueles que narram quanto àqueles que exercem função de escuta. A isto refere-se o terceiro nível do testemunho (Sousa, 2021), de testemunhar este processo mesmo. Segundo os autores, existe um imperativo entre o narrar e a impossibilidade da narrativa, no sentido de que as coisas ditas sempre serão insuficientes. Não entrevistei o Seu Gabriel nem tampouco o conheci, mas recolhi os fragmentos da sua história, imaginando-os, a fim de organizá-los em um testemunho. Fui atravessada pelo relato e pude perceber a relevância da escrita ao levá-la para Clarinda, que prontamente nos recebeu na residência, deixando-se emocionar pelas palavras. Aqui incluem-se as palavras de seu próprio pai, que também permaneceram no testemunho.

Ao ouvi-las, Clarinda pontuou: “É como se eu visse ele falando isso mesmo”.

O relato nunca é o retrato de um fato concreto, mas sim a sua reconstrução fictícia. Ainda assim, é preciso considerar que enquanto o sujeito fala ele mesmo se esclarece, fazendo surgir a potência de novos significantes. Dessa forma, foi possível analisar as entrelinhas do lugar da palavra, como esta carrega consigo as singularidades da memória, bem como a função de mudança sobre o que ficou. Há, sem dúvidas, um desafio no trabalho em levantar aquilo que resta, identificar, ler e produzir. É importante ressaltar que o efeito da experiência da escuta se dá em um outro tempo, o “tempo depois”. E no final, o que pode restar das marcas após o testemunho são inscrições psíquicas, registradas pela rememoração de uma memória íntima, compartilhada neste livro.

As coisas não são todas palpáveis e dizíveis como normalmente nos fazem crer. A maioria dos acontecimentos é indizível, acontece em um espaço que nunca foi visitado por uma palavra, e mais indizíveis que tudo são as obras de arte, essas existências maravilhosas, misteriosas, cuja vida é perene, ao lado da nossa, que é perecível. (Rilke, 2024).

Se estas inscrições podem trazer alguma significação àqueles que são atravessados pelas histórias aqui narradas, ou seja, tocados de alguma forma por elas, podemos afirmar que a invisibilidade tem capacidade de ser rompida. Do mesmo modo, o livro constituiu-se no “depois”, tendo uma lenta construção. Ao testemunhar as histórias dos moradores dos bairros periféricos, foi possível resgatar as memórias dos mesmos a fim de que estas sejam contadas e preservadas, para que não sejam esquecidas, resistindo ao apagamento. Com a pesquisa foi possível conhecer essas realidades e visibilizar os sujeitos que sofrem diariamente com as mazelas sociais, deixando que eles tomem a palavra. O objetivo foi o de resgatar a coautoria dos participantes e, mesmo não sendo possível resgatar propriamente a do Seu Gabriel, ficando sob responsabilidade de sua filha, percebe-se a relevância da história de

um dos primeiros moradores do bairro União, e como seu relato ainda se repete nos testemunhos de outros moradores.

Isadora Ferrazza Dal-Ross

Referências

RILKE, Rainer Maria. Cartas a um jovem poeta. Antofágica, 2024.

SLAVUTZKY, Abraão; SOUSA, Edson Luiz André de. Imaginar o Amanhã: Ensaios e crônicas. Porto Alegre: Diadorim Editora, 2021.

4. A filha, ou

Clarinda, ainda encontra seu pai.

Os enredos e narrativas da vida se apresentam como um conto, que o final só pode fazer sentido, para aquele que dentro do possível, leu toda a história. Nesse repertório de leitura, sobram pequenos restos de palavras, sons, lembranças e imagens. Nos vestígios dos significados, soa uma pequena lágrima que expressa o desejo de não reviver o final da história. Como reviver o trauma? Será que somos autorizadas a levar em forma de papel a saudade de alguém? Esse papel é apenas o meio material para a memória que nele adentra. De alguma forma, aprendemos a ler e testemunhar as expressões do rosto que vislumbra as lembranças, pronunciando em voz alta “Saudades do meu veíinho”.

Quem pronuncia essas palavras sinceras, tem por nome Clarinda, filha do seu Gabriel. Quando chegamos na sua casa, batemos palmas requerendo sua aparição, como se pedíssemos algum sinal que nos autorizasse a entrar e contar uma história, ou melhor, um resto que sobrou. Ela abre o portão e nos convida a

entrar em seu lar, aconchegando-nos em sofás de tom azul, numa sala que refletia o escuro por trás de uma árvore e de um muro. Esse escuro, manifestava o luto ainda presente na sua casa, no seu rosto e olhar. Pude observar fotos pela sala, que demarcavam o lugar daquele que hoje não se faz presente à vida.

A Clarinda representa uma, em meio a tantas pessoas que perderam familiares em decorrência da COVID-19. Seu pai morreu no início do ano de 2021, o momento mais crítico da pandemia. Além disso, Clarinda conta com orgulho que seu pai conseguiu a ver formada em Técnico de Enfermagem no ano 2020. Entre esse pequeno período de formação e realização pessoal, dá entrada a um dos piores momentos já experimentados pelos profissionais da saúde.

Ao trabalhar num Hospital da cidade, Clarinda pode ver de perto os medos e os sentimentos de impotência frente a um vírus que ainda não tinham conhecimento. A experiência de ver pessoas indo ao óbito, presenciar os lutos de familiares, assim como ver rostos de pacientes implorando por força para conseguir sobreviver, se tornava insuficiente quando não tinha medicamentos e recursos para enfrentar a doença.

No entanto, em meio às mortes, chegou à morte. Seu pai foi internado na Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Clarinda por ser filha e colaboradora da instituição pode acompanhar seu pai nos últimos momentos de vida, foi ela quem comunicou os familiares sobre a condição de saúde de seu Gabriel. Ao contar, lembra do quanto pedia ao seu pai para tomar mate em cuias separadas e não ir passear nos vizinhos. Mas, “*volta e meia*” quando chegava do trabalho via ele passeando e tomando mate com visitas. Seu Gabriel, felizmente não tinha comorbidades, mas sua idade já era um fator de risco frente ao vírus.

A Clarinda, ainda vivenciou outros óbitos na família, no percurso do mesmo ano. Perdeu além do pai, três tios e uma sobrinha. Como elaborar o luto? Quando em seu trabalho, sobrecarregada de medos, incertezas e dor, um paciente lhe pergunta: “*Eu vou ficar*

bem?”. Essas palavras ecoam a lembrança do seu pai lhe fazendo a mesma pergunta. Percebeu-se nesse momento que estava tomada pela angústia e tristeza. Um beco sem saída. A Clarinda chora, desespera. Demora cerca de uma hora para recompor-se e retornar ao trabalho. Desde então, procurou acompanhamento psicológico, oferecido pela instituição de emprego.

O trabalho de Clarinda diante de pacientes com Covid-19, reverbera e relança o luto ainda não elaborado da morte de seu pai. Frente à repetição de uma mesma cena encontrou uma forma de sentir. O sentimento de que iria voltar para a casa e não iria encontrar seu Gabriel, aquele que lhe escutava sobre a rotina de trabalho cansativa. Não estaria tomando mate com os vizinhos. Não escutaria a sua voz dizendo “minha filha...”. Não ouviria seus passos arrastando no assoalho do chão...

Clarinda, ainda encontra seu pai. Ao ler o texto feito sobre seu “Gabriel”, apareciam pequenos trechos que apresentavam as falas transcritas dele. O texto tem esse poder de transportar as pessoas para um outro lugar. Nesse caso, das memórias. Seu pai, esteve presente naquele momento através de palavras. Ele dizia: “O dia que Deus me levar, não quero dar queixa para ninguém”. Seu Gabriel, cumpriu seu papel durante a vida, não deixou reclamações, apenas ensinamentos para aqueles que o rodeavam. Foi morador do bairro União e Harmonia. Sua história ensina sobre honestidade, persistência e força de trabalho. *Clarinda sente orgulho. Clarinda ainda é, e sempre será a “sua companheira”.*

Lara Renata Pereira Lopes

Chegar a um fim

Reler os testemunhos prestes a serem publicados dá um misto de sentimentos. Vidas atravessadas por dificuldades diversas. A maior parte delas, por violências. Mulheres que sofreram violências domésticas graves, uma tentativa de homicídio. Violência física de um pai contra a filha de 6 meses. Briga entre vizinhos e a morte de um pai. As mulheres em luta, por moradia, por sobrevivência, por trabalho, para criar os filhos, para proteger os filhos. Muitas vezes para não morrer.

Violência social, ancestral, de certa parcela da população sem trabalho, ou quando há trabalho, acontece uma exploração sem limites, como o relato que lemos hoje, como trabalho escravo, de Seu Gabriel no campo, sem sapatos, sem moradia, sem salário. (E é impossível não pensar na violência do salário mínimo, quem sobrevive hoje com um salário mínimo no Brasil, por maior que seja o espanto, muita gente). Muitas vezes o trabalho que sobra é do tráfico, mas esse cobra seu preço: morrem cedo, vão presos, e agora com o crescimento das facções¹, uma exposição ainda maior à violência. Mas se certas crianças, moradoras das periferias, apanham da polícia voltando da escola que caminho há? A brincadeira de “mocinho e bandido” se revela uma sina de lugares determinados antes mesmo de poder escolher ou brincar. São destinados a única via que sobra: uma vida *bandida* de uma sociedade que dá as costas, que explora e humilha. Que não oferece emprego.

Apesar disso, há resistência. A mulher do sabão que se vira, com artesanato, com venda de sabão, com venda de sacolé no verão, com empregos ocasionais, cuidadora de idosos quando há. Há os

1 *Bala na Cara e Manos*: o RS é o estado que possui o maior número de facções do país – Os municípios gaúchos de Rio Grande e Alvorada figuram entre as 50 cidades mais violentas do país com população superior a 100 mil habitantes– Reportagem do Jornal Perfil publicada em (28/07/2023). [https://brasil.perfil.com/brasil/Bala-na-Cara-e-Manos-o-RS-e-o-estado-que-possui-o-maior-numero-de-faccoes-do-pais-\(perfil.com\)](https://brasil.perfil.com/brasil/Bala-na-Cara-e-Manos-o-RS-e-o-estado-que-possui-o-maior-numero-de-faccoes-do-pais-(perfil.com)).

trabalhadores, que conseguem sobreviver com empregos formais. Há uma beleza difícil na força de Rosa, de conseguir romper o ciclo de violência, de conseguir ajudar a enteada diante de um possível abuso. A mãe de Rosa, é preciso dizer, sofreu inúmeras violências, apanhou muito do primeiro marido, não teve apoio nenhum da família. Se virou sozinha, por muitos anos era somente ela e Deus. São relatos muito impressionantes, e que retratam vidas inúmeras. Não sei muito bem como terminar esse livro, parece que falta tanto, parece que romper a brutalidade da naturalidade dos dias é o que nos é possível fazer. Poder dizer: essas vidas importam, têm nome, têm uma história, tem tentativas e erros, como todos nós. Fraturar um pouco essa barreira levantada pelo discurso social nós/ eles. Recolho um trecho do artigo² escrito sobre a primeira pesquisa quando conheci os bairros em 2016: “Nos bairros esquecidos da cidade aonde eu quis caminhar, ouvir, ver e conversar, fui avisada pela enfermeira-chefe da ESF: “em hipótese alguma deve andar aqui sozinha sem a agente de saúde”. Num dos percursos visitamos uma jovem dona de casa de 18 anos, grávida de um jovem marido. Ela narra a saída precoce da escola e depois, a tentativa de suicídio dias antes de um conhecido que mora perto. Mais adiante encontramos o rapaz de dezessete anos e seu olhar perdido no vazio. Uma avó excessivamente presente diante do seu silêncio. Ele viu o pai ser assassinado pelo tráfico quando ainda era pequeno. Adolescente, após o término do namoro, tenta tirar a própria vida. Naquele mesmo verão, neste mesmo bairro, outro pai de outros meninos foi morto pelo tráfico”. Essa cena descrita, fez em mim uma marca. Essa marca aponta um norte, para nós que ficamos desnorteados com tantas vidas maltratadas. Há uma repetição macabra, da violência, e diante da repetição implacável, ficamos paralisados de horror, e de uma sensação terrível de impotência. Mas é preciso aqui, apontar então para a potência. Primeiro a potência da escuta e do olhar,

2 Modos de Viver e Habitar de uma Comunidade em Situação de Vulnerabilidade Social no município de Santo Ângelo. In: Identidade, Contemporaneidade e Práticas Psicológicas no Contexto Brasileiro. Ed.Teresina: EDUFPI, 2018, p. 655-665. E-Book.

e romper com uma naturalização da violência da invisibilidade. Temos olhos para ver e ouvidos para ouvir. Segundo, a potência para compartilhar o que vimos e ouvimos, para amplificar as vozes e a força desses que puderam romper com essas repetições. Que souberam encontrar saídas, desvios, caminhos de luta. Por fim, um apelo aos que chegaram até aqui nessa escrita: que nunca mais possamos fechar os olhos e os ouvidos e que neste ato definitivo, dando as mãos uns aos outros, abraçando a nossa comunidade, aqui Santo-angelense, possamos dizer em voz alta para que todos escutem: *nossas* vidas importam, e enquanto um de nós não estiver a salvo, continuaremos lutando, seja com palavras e imagens, ou com a força das nossas histórias.

Posfácio

Este livro carrega consigo uma parcela singular de TEMPO. Ele se demorou, ele esteve calado durante a pandemia, como estivemos todos nós aterrorizados pela presença da morte na superfície da vida e das coisas, no ar, e todo e qualquer contato humano e inumano.

Este livro precisou se estender no tempo ainda depois da pandemia. Ao retomar os participantes, descobrimos que nem todos sobreviveram a ela, e outros, traçaram novos destinos, deixaram o bairro ou a cidade e não deixaram rastros a não ser pelo registro que fizemos deles entre 2018-2020. Este livro testemunha, portanto, a perda de uma vida humana, e hoje presentifica além de presenças algumas ausências. A esse tempo, como se chama?

Ao coletar histórias, escrevê-las e reescrevê-las, nos descobrimos fora dos prazos da academia e da pressa. Adentramos num outro tempo, subjetivo, o tempo do sentir, de se afetar, e principalmente, de processar as histórias dessa cidade, registrar seu passado e seu presente.

De certa maneira, é como tento me justificar pela sua demora, entre outros intercorridos que interpelaram a vida durante esses anos que moram dentro deste livro. Este livro carrega consigo, portanto, a pulsação de diferentes tempos. E penso agora, após atravessar as duas pesquisas¹, e todas essas vidas, indica também uma pequena, mas grande alteração na forma como penso que devo seguir de agora em diante. Penso que em pesquisas futuras, gostaria de promover oficinas de escrita, para que os próprios moradores escrevam suas histórias com suas próprias palavras. Para que ninguém precise escrever por eles. Este livro foi uma tentativa de corrigir qualquer possível erro nesse sentido.

1 “Experiência e linguagem como estratégias de resistência: as narrativas dos moradores de comunidades em situação de vulnerabilidade na cidade de Santo Ângelo” (2018-2020) e “O que resta das marcas após o testemunho” (2022-2023).

Ao finalizar a última parte do livro, com o subtítulo que deu nome à pesquisa – *O que resta das marcas após do testemunho*, compreendi algo. Compreendi que só foi possível escrever este livro de forma coletiva e com muitos autores. Como se houvesse a necessidade de um corpo coletivo para compor um testemunho histórico. Isso é um fato, que precisa ser sublinhado. E me emociono ao apreender isso, ao ver o livro finalizado. A decisão mesma, de incluir essa compreensão aqui, foi sugestão de Isadora Dal-Ross, ao compartilhar esse sentimento no grupo de *WhatsApp* que mantemos nessa escrita conjunta e coletiva.

E como um último comentário, que julgo importante repetir, embora o livro tenha permanecido “calado” ou “adormecido” durante a pandemia de Covid-19, aqui ela se fez presente e ceifou a vida de seu Gabriel e outros familiares seus. Prestamos testemunho a Seu Gabriel e nos solidarizamos com todos os brasileiros e todos os mortos deixados por ela, que tiveram suas vidas interrompidas de maneira precoce.

Como tornar visível o que a sociedade insiste em apagar? Após ouvir a história de uma mulher que teve sua liberdade roubada por um sistema injusto e violento, os(as) autores(as) desta obra, deram início a uma pesquisa movida por uma inquietação ética: como narrar as dores e resistências dos que vivem à margem sem transformar essas vidas em espetáculo ou mercadoria? Inspirada pelas reflexões de Eliane Brum, especialmente em *O Olho da Rua*, e pelo documentário *Estamira*, o projeto foi desenvolvido para garantir o consentimento real e ativo dos participantes. Cada testemunho presente neste livro foi lido e validado pelos próprios autores das histórias — moradores de territórios marcados pela vulnerabilidade e pela resistência cotidiana. Neste percurso, mais que uma publicação, nasce uma experiência de escuta partilhada e de reconstrução narrativa. A pesquisa, feita com o apoio de bolsistas sensíveis e engajados, revela que o testemunho não é só memória, mas também encontro, gesto político e cuidado. Porque o que resta, após o testemunho, é também a chance de reescrever o sentido da dor e juntos.

ISBN 978-656135101-0



EDITORA

ILUSTRAÇÃO